

# GATO

PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE



Rodrigo Bento Magalhães  
Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rodrigo Bento Magalhães



Projeto de conclusão apresentado no curso de Comunicação  
Visual Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro (UFRJ).

Orientação por Leonardo Ventapane

**2018**

## Agradecimentos

Muitas pessoas foram fundamentais para que este projeto saísse do papel, direta ou indiretamente. Gostaria de agradecer aos meus queridos pais Jonnecy e Rosana pelo apoio incondicional e por serem meus maiores exemplos.

Ao orientador Leonardo Ventapane pela infinita paciência e sabedoria.

Aos artistas e colaboradores aqui presentes pela confiança e pelos trabalhos gentilmente cedidos.

A Igor Arume e Daniel Oliveira da Risotrip pela atenção e comprometimento.

A todos os meus amigos, e aos meus dois ou três inimigos, também agradeço.

**Rodrigo Bento** é um designer nascido e criado no Rio de Janeiro com interesse em identidade visual, ilustração, música e tudo o que há de bom. Este é o seu projeto de conclusão em Comunicação Visual Design pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Resumo

A proposta do projeto consiste na elaboração e publicação de uma revista de arte independente que envolva artistas e criadores negros. O objetivo do projeto é divulgar o trabalho destes artistas e, ao mesmo tempo, servir como referência de representatividade para estudantes e/ou aspirantes que queiram ingressar no ramo das artes visuais.

A Revista Gato Preto procura aliar a história das fanzines e revistas alternativas nacionais com a visualidade do folhetim do Partido dos Panteras Negras em um produto que, mesmo apoiado em referências de um formato analógico, consiga dialogar tanto com entusiastas de publicações independentes quanto com uma nova geração de leitores.

A monografia aborda todas as etapas do processo de conceituação e criação da revista, incluindo o conteúdo editorial, escolha dos artistas participantes, projeto gráfico e finalização.

*Palavras-chave: visibilidade, autoestima, networking.*

## **Abstract**

The project consists in the elaboration and publication of an independent arts magazine who focus on black artists and creators. The project's goal is to promote the work of these artists and, at the same time, to serve as a reference of representativity for students and/or aspirants who want to join the branch of visual arts.

The Gato Preto Magazine (Black Cat Magazine) wants to ally the history of the brazilian fanzines and alternative magazines with the visuality of the journal of the Black Panther Party in a product that, even based on an analog format, manages to dialog with both magazine enthusiasts and a new generation of readers.

This thesis shows every step in the process of conceptualization and creation of the magazine, including the editorial content, participants choice, graphical project and finalization.

*Keywords: visibility, self esteem, networking.*

<b>Introdução</b>	13	<b>4__Primeira edição: guia prático de sobrevivência digital</b>	45
<b>1__Introdução aos fanzines</b>	17	4.1 Estudos iniciais	45
1.1 Fanzine ou revista alternativa?	17	4.2 Protótipo	46
1.2 No Brasil: dos boletins aos zines	19	4.3 Como sobreviver digitalmente?	47
1.3 Consolidação dos fanzines no Brasil	20	4.4 Edição Vermelha	48
1.4 Declínio dos zines e cenário atual	20	4.5 Saindo da zona de conforto	49
1.5 A importância dos zines na linguagem da Gato Preto	22	4.6 Saindo da zona de conforto	49
<b>2__Emory Douglas e os Panteras Negras</b>	25	<b>5__Participantes e colaboradores</b>	51
2.1 O Partido	25	5.1 Sobre os participantes	51
2.3 O Programa dos Dez Pontos	26	5.2 Artistas	52
2.3 O jornal	29	5.3 Colaboradores	54
2.4 Emory Douglas: artista revolucionário	33	<b>6__Projeto gráfico</b>	57
2.5 Influências no projeto	36	6.1 Capa	57
<b>3__O projeto</b>	39	6.2 Logo	58
3.1 Ideias iniciais	39	6.3 Impressão	60
3.2 Conceito	40	6.4 Guardas	61
3.3 Iniciativas similares	41	6.5 Formato	62
3.4 Gato Preto (nome)	42	6.6 Tipografia	63
3.5 Gato Preto (personagem)	42	<b>7__A revista</b>	65
		<b>Conclusão</b>	143
		<b>Biografia</b>	145

## Introdução

A oportunidade de estudar e conviver em um ambiente de arte era e ainda é um privilégio no Brasil. O acesso a informação, ainda que democratizado com a internet, não garante as mesmas oportunidades entre todos devido a dificuldade de conseguir se estabelecer como artista, fora os custos operacionais de produção e desvalorização do artista entre o público.

Segundo o IBGE, em 2015 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegaram ao nível superior, e o percentual de alunos pobres em universidades públicas é de 8,3%. Antes de definir o tema, uma das minhas resoluções para o projeto de conclusão de curso era aliar a questão da negritude com os conhecimentos de design adquiridos na universidade e fora dela como forma de representar os pretos e pretas que não conseguiram ingressar no ensino superior.

Minha primeira ideia envolvia uma iniciativa combativa através de um aplicativo de geolocalização onde o usuário poderia marcar e relatar estabelecimentos onde havia sido vítimas de racismo. Por problemas tanto pessoais quanto de viabilidade acabei abandonando o projeto. A ideia de produzir uma revista independente veio em um momento importante onde eu estava saindo da minha zona de conforto e cursando uma disciplina de gravura e publicações, ao mesmo tempo em que conhecia mais de perto o trabalho de estúdios focados em impressos como Animal Press, DR.ME e Risotrip. Me aprofundando na área de impressos, conheci mais sobre a elaboração e distribuição de conteúdo independente nacional pela forma de zines e revistas alternativas.

A inspiração para o nome e conceito da revista partiram do Partido Pantera Negra para Auto-defesa, (que passou a ser conhecido somente como Partido dos Panteras Negras à partir de 1968), criado em 1966 por Huey Newton e Bobby Seale. Sendo ainda mais específico, o folhetim The Black Panther, que circulou entre 1967 e 1979 e ajudou

a difundir as ideias e planos do partido. A pantera se transformaria em gato preto e o Ten-Point Program (Programa dos Dez Pontos, manifesto criado em 1966 pelos fundadores do partido com dez exigências necessárias para a real libertação do povo negro e que serviu como base de atuação do movimento) se transformaria nos sete artistas negros convidados a expor suas obras nas páginas das revistas, cada artista representando uma vida do gato.

A partir de então, o conceito da revista se divide em duas partes: a primeira consiste em servir como uma plataforma de exposição para estes artistas, possibilitando que estes trabalhos cheguem a um público que não conheceria por outros meios. A segunda parte segue um tema, que varia a cada edição. Na primeira edição da revista o tema é sobrevivência, representado na série de “dicas” intituladas “Como Sobreviver Digitalmente” e concluída de com o texto da colaboradora Larissa Dias.

Durante todo o desenvolvimento do projeto as minhas principais preocupações foram a de entregar um conteúdo que, ao mesmo tempo, fosse socialmente relevante e possuísse uma visualidade capaz de chamar a atenção de possíveis leitores com o mínimo possível de texto, seguindo o desafio pessoal de entregar a mensagem utilizando como apoio principal o peso das imagens, cores e composições.

Desde criança um dos meus hábitos prediletos era o de ler revistas em quadrinhos, e durante toda a infância eu tive o desejo de trabalhar ilustrando ou colorindo histórias parecidas com as que eu via nos gibis. A principal motivação para a criação da Revista foi a possibilidade de retornar a este desejo inicial e poder criar a minha própria revista, desta vez utilizando heróis e heroínas reais.

Os sete artistas escolhidos para a primeira edição da Revista são pessoas cujo trabalho eu admiro profundamente e cujas histórias precisam ser contadas. Alguns destes artistas são amigos ou conhecidos de outrora, outros vieram de recomendações. A todos eu agradeço pela compreensão e por terem e acreditado na ideia.

Nesta monografia são apresentadas as principais influências no processo de criação da Gato Preto, passando pela história dos fanzines no Brasil e sua relevância no cenário de publicações nos dias de hoje. É citada também a relevância do trabalho do designer Emory Douglas na construção do folhetim dos Panteras Negras e sua influência na elaboração da identidade visual da revista. Por fim, me aprofundo no conceito e no processo de criação por trás da primeira edição da revista incluindo impressão, formato, guardas, uso de tipografia, cores e na embalagem que a acompanha.



# 1. Introdução aos fanzines

## 1.1 Fanzine ou revista alternativa?

A origem dos fanzines está diretamente ligada a literatura de ficção científica, que até a metade do século XX era considerada subliteratura. O primeiro zine conhecido foi o *Comet*, criado nos Estados Unidos por Ray Palmer em maio de 1930 para o *Science Correspondence Club*<sup>1</sup>. Por serem escritos por e para fãs de literatura de ficção científica, os primeiros zines contavam tanto com textos de autores como Ray Bradbury (que viria a publicar quatro edições de seu próprio zine, *Futura Fantasia*, entre 1939 e 1941) como com *feedback* e troca de informações entre os fãs e entusiastas destas histórias.

<sup>1</sup>MAGALHÃES, H. 1993:  
p.29

O termo fanzine foi cunhado em 1941<sup>2</sup>, com o nome dado às publicações de ficção científica e deriva da junção das palavras em inglês *fanatic* e *magazine*. Normalmente fanzines são impressas em pequenas tiragens e de maneira artesanal, tendo como principal diferencial seu conteúdo, curado por indivíduos ou grupos fãs de determinado assunto.

<sup>2</sup>MAGALHÃES, H. 1993:  
p.9

Além da quantidade da tiragem e dos métodos de impressão, as fanzines se diferem das revistas tradicionais por apresentarem conteúdo livre de censura e sem necessidade de lucro. Seus organizadores desempenham diversas funções incluindo edição, revisão, composição e produção que normalmente seriam delegadas a diferentes profissionais caso a revista fosse produzida por uma editora.

Existe, porém, uma diferenciação entre o fanzine e a revista alternativa, como explica Edgard Guimarães em seu livro *Fanzine*:

*“Quando a publicação traz produção artística inédita seria chamada Revista Alternativa. No entanto, o termo Fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja*

*feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto enfocado. Assim, são Fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante.”* (Guimarães, 2005, p. 11)

Existem também termos derivados da palavra fanzine, usados principalmente no mercado norte americano. São eles:

### Fandom

Nome dado ao todo, ou seja, ao conjunto de fanzines e seus editores. Nos últimos anos o termo passou a ser utilizado para definir o conjunto de fãs-clubes, sem ligação com os fanzines necessariamente.

### Faneditor

Nome dado ao responsável pelo editor do fanzine.

### Fanzinoteca

Coleção de fanzines.

### Amazines

Fanzines cuja temática revolve histórias em quadrinhos de super heróis e/ou terror. Sendo o tipo mais popular no Brasil, zines como a *Historieta*, *Notícias dos Quadrinhos* e *Desagaquê* (cujos colaboradores incluíram o jornalista João Carlos Sampaio) se destacaram no gênero.

### Pro Fanzines

Fanzines realizados por profissionais da indústria das histórias em quadrinhos. No Brasil, o Pro Zine *Panacéia* veio a se tornar uma revista tradicional, contando tanto com conteúdo relacionado a quadrinhos quanto com histórias originais desenhadas por profissionais da área.

## 1.2 No Brasil: dos boletins aos zines

O primeiro fanzine brasileiro foi *Ficção*, lançado em outubro de 1965 por Edson Rontani em Piracicaba<sup>3</sup>. Com conteúdo relacionado a HQs, o termo utilizado para definir a publicação era “boletim informativo”, ou apenas “boletim”. *Ficção* era impresso em mimeógrafo a álcool e utilizava o formato ofício 22cm x 33cm, variando entre dez e doze páginas em uma tiragem de aproximadamente 300 unidades. *Ficção* era distribuído gratuitamente pelos correios para aficionados dentro e fora do Brasil.

A primeira edição do boletim *Ficção* contava com uma linha do tempo dos quadrinhos editados no Brasil, indo de 1905 até a data de sua publicação em 1965. Entre 1974 e 1977 Edson ainda viria a publicar o periódico *Fanzine*, que contava com mais de trinta páginas por edição, um feito impressionante para a época.

O segundo fanzine nacional foi o *Boletim do Herói*, impresso entre 1968 e 1971 por Agenor Ferreira em Machado, Minas Gerais. Entre 1978 e 1980, Agenor publicaria *Boletim dos Quadrinhos*, continuação de sua publicação anterior.

<sup>3</sup> GUIMARÃES, E. 2004: p. 14



Outubro de 1965: Primeira edição do boletim *Ficção*, considerado o primeiro fanzine nacional.

### 1.3 Consolidação dos fanzines no Brasil

No final dos anos 70 a produção nacional de zines cresceu exponencialmente devido a popularização das máquinas de xerox, o que levou ao surgimento de novas publicações e ao retorno de antigos boletins que haviam entrado em hiato, além da expansão e do desenvolvimento de zines já existentes como *Nostalgia dos Quadrinhos* e *Historieta*.

<sup>4</sup>MAGALHÃES, H. 1993: p.43

*O Lobinho*, o primeiro fanzine feito em xerox no Brasil<sup>4</sup>, foi lançado em 1980 por Raul Veiga, que ainda imprimia e editava as edições nos Estados Unidos e enviava para os leitores brasileiros por correspondência. Em São Paulo, centro editorial e com grande quantidade de consumidores de quadrinhos, surgiam publicações como *Quadrinomania*, editada pelos quadrinistas Franco de Rosa, Seabra e Giovanni e *Open Bar Boletim*, de Luiz Antonio Sampaio.

Durante a expansão dos fanzines nos anos 80, o público cativo continuou aumentando, e com ele a necessidade de novos tipos de publicações. Surgiam então periódicos dedicados a nostalgia, atualidades e informação de mercado, além de fanzines de associações de quadrinistas como o Boletim da Abrademi (Associação de Desenhistas de Mangá e Ilustrações) e o Jornal da AQC. (Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo).

Durante este período alguns editores de zines buscavam algum diferencial de qualidade gráfica imprimindo suas revistas em offset (*Notícias dos Quadrinhos* e *Marca de Fantasia*), com capas impressas em duas cores ou pintadas à mão (*O Grupo Juvenil* e *Fanzim*).

### 1.4 Declínio dos zines e cenário atual

Após o crescimento da cena de zines na primeira metade da década de 80, à partir de 1986 iniciou-se um declínio criativo e de produção que se manteve pelos anos seguintes, como destaca Henrique Magalhães em seu livro *O Que É Fanzine?*:

*Um dos principais fatores que contribuiu para a crise foi a questão econômica. O descontrole da economia do país fez com que subissem o preço do papel, das fotocópias etc., aumentando o custo da edição dos fanzines. A venda nas livrarias especializadas caiu sensivelmente e a venda pelo correio*

*tornou-se também mais rara devido aos aumentos constantes das tarifas postais.* (Magalhães, 1993, p. 51)

No final da década de 80 foram organizados encontros de faneditores com o objetivo de discutir os rumos dos zines e revitalizar a cena nacional, com destaque para o encontro nacional promovido pela Gibiteca de Curitiba em 1989<sup>5</sup> que contava com uma exposição internacional de fanzines.

<sup>5</sup>MAGALHÃES, H. 1993: p.54

Ainda nos anos 80 outra medida adotada foi a de fundir diferentes fanzines no intuito de dividir tarefas e custos de produção. Um dos exemplos mais notáveis desta fusão foi o zine Nhô-Quim, resultado da união entre as publicações PolítiQua e Marca de Fantasia e que unia entrevistas, comentários, opinião e humor sob o viés dos quadrinhos.

Apesar das investidas dos responsáveis pelos zines, sua produção e distribuição nunca atingiu os níveis de meados dos anos 80 e sua relevância diminuiu com a chegada da internet, mesmo com o surgimento de um outro leque de possibilidades para o compartilhamento de conteúdo. Os blogs e as fanpages possibilitavam que o mesmo tipo de conteúdo fosse circulado, porém sem os custos de produção e sem as limitações físicas de impressão e tiragem.

Nos últimos anos a produção de fanzines e as feiras de publicações independentes ganharam seu próprio nicho de editores, leitores e entusiastas. Os métodos e formas de distribuição mudaram, de forma que algumas publicações são distribuídas apenas digitalmente ou vendidas em pequenas tiragens utilizando métodos de impressão mais caros.



2016: Feira Tijuana de Arte Impressa, uma das maiores feiras de arte impressa do país. Iniciada em 2009, abre espaço para pequenas editoras e artistas independentes.

## 1.5 A importância dos zines na linguagem da Gato Preto

Durante meu período estudando na Escola de Belas Artes tive a oportunidade de aprender sobre diferentes técnicas, processos e métodos de produção visual. A possibilidade de produzir a minha própria revista também significa que posso colocar em prática o aprendizado destes anos na academia, visto que em sua essência os fanzines e as revistas alternativas são elaborados e publicados por poucas pessoas (ou apenas uma) que desempenham diversas funções na linha de produção.

*Por ser um trabalho extremamente pessoal, o editor de fanzine ou de qualquer publicação alternativa acaba por dominar todas as etapas de sua produção: juntar matérias e colaborações, datilografar, reduzir e ampliar ilustrações em fotocopiadoras, diagramar, paginar, imprimir, encadernar, grampear, divulgar e distribuir.* (Magalhães, 1993, p. 62)

O papel dos Amazines na fixação da linguagem visual das histórias em quadrinhos no imaginário popular foi um dos chamarizes para o aprofundamento da pesquisa de zines do projeto. A pesquisa por elementos presentes nos zines e revistas alternativas foi de suma importância para a confecção da Revista Gato Preto por reproduzirem a visualidade das histórias em quadrinhos aplicada ao imaginário independente.

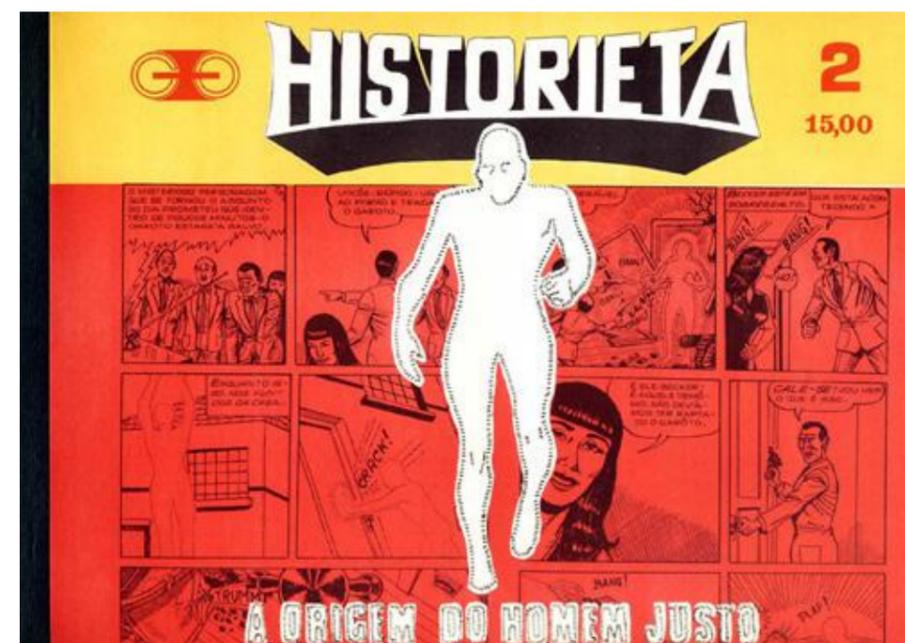
As atuais investidas da indústria do entretenimento em focar seus holofotes em minorias e figuras marginalizadas também foram importantes no que tange à escolha do tema abordado, visto que a presença do debate sobre representatividade nas mídias amplifica o alcance e a relevância de uma publicação cujo tema são artistas negros. Sobre a escolha de um assunto, Henrique Magalhães destaca:

*Escolha do tema — O primeiro passo para se fazer um fanzine é escolher o assunto que se quer abordar: música, quadrinhos, cinema, ficção científica etc. Dentro de um tema escolhido faz-se necessário também definir o enfoque para o trabalho. Como o fanzine é um trabalho feito por paixão, cujo lucro é a troca de informações e o enriquecimento do universo em estudo, é importante escolher um gênero pelo qual se tenha verdadeiro interesse, de modo que não seja um sacrifício o tempo e o dinheiro empregados em sua elaboração.* (Magalhães, 1993, p. 63)

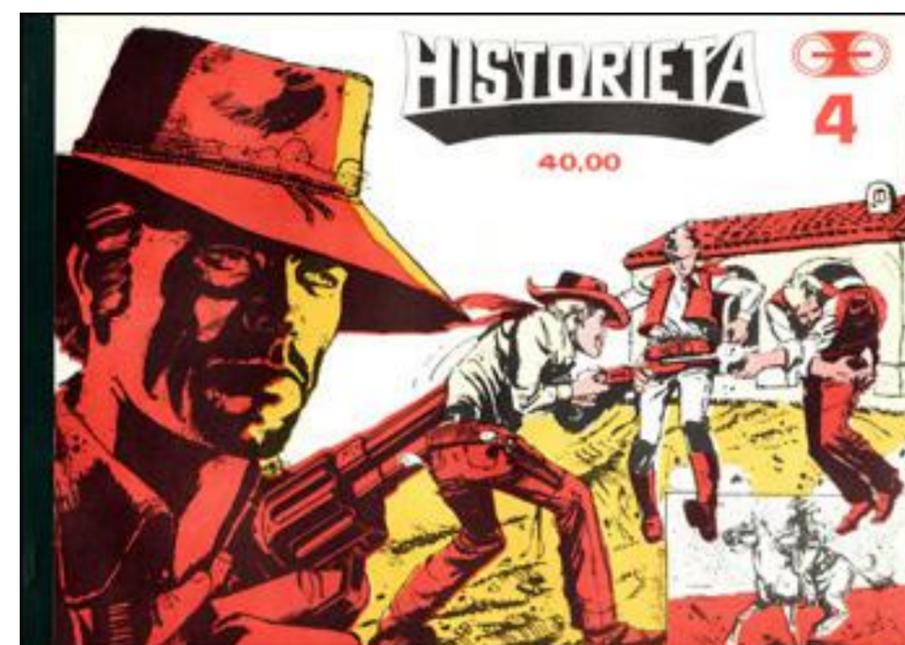
O periódico *Historieta*, criado pelo gaúcho Oscar Kern e circulado no Brasil entre 1972 e 2003<sup>6</sup>, tinha o diferencial de apresentar capa colorida e formato horizontal. As capas, contendo ilustrações coloridas

remetentes as páginas de quadrinhos contidas na revista, foram grande referência na elaboração da versão final da capa da Revista Gato Preto.

O formato “meio-ofício” (22cm x 16,5cm), também chamado de “formatinho”, foi utilizado em histórias em quadrinhos e algumas zines durante os anos 80 e 90 no Brasil. Sua facilidade de manuseio devia-se à sua espessura e encadernação blocada que facilitava a leitura em mãos infantis. A busca por um formato com as mesmas características foi fundamental na decisão final do formato do projeto.



1972, 1973: Segunda e quarta edição do zine *Historieta*, que contava com notas sobre quadrinhos internacionais e conteúdo original.



<sup>6</sup>NARANJO, M. *Historieta: muito mais que um fanzine*. 2007. Acesso em 13 de maio de 2018.

## 2. Emory Douglas e os Panteras Negras

### 2.1 O Partido

Fundado por Huey Newton e Bobby Seale em outubro 1966, o Partido dos Panteras Negras para Defesa Pessoal (Black Panther Party for Self-Defense) surgiu como resposta ao rápido crescimento da violência policial que acompanhou o crescimento urbano no início da década de 60. Anteriormente membros da Associação Afroamericana (Afro-American Association), ambos romperam as relações com a associação devido a diferenças ideológicas<sup>7</sup>.

<sup>7</sup>SEALE, B. 1970: p.15

Bobby e Huey escreveram, durante duas semanas, o manifesto que seria conhecido como Programa dos Dez Pontos, com exigências e demandas necessárias para a emancipação do povo afroamericano. Era importante um texto coeso e facilmente relacionável, como conta Bobby Sale em seu livro *Seize of Time*:

*Huey disse, “Nós precisamos de um programa. Nós temos que criar um programa para o povo. Um programa que se identifique com o povo. Um programa que o povo possa entender. Um programa que o povo possa ler e ver, e que expresse os seus desejos e necessidades ao mesmo tempo. Precisa lidar com o sentido filosófico de onde estamos indo, mas o significado filosófico também precisa lidar com algo específico.”* (Seale, 1970, p.37)

Um dos diferenciais do partido em relação a outros movimentos sociais de sua época foi a adoção do uso de armas. Newton havia estudado as leis de porte de armas da Califórnia e usou-as a seu favor, iniciando um processo de patrulha armada que acompanhava investidas policiais no intuito de monitorar possíveis atos de brutalidade<sup>8</sup>. No início de 1967, o Partido já havia ganhado popularidade local e nacional devido a suas ações, tendo em maio do mesmo ano invadido o Capitólio do Estado da Califórnia para protestar contra a lei que proibia o porte de armas carregadas em público. Devido a crescente popularidade, agora internacional, do Partido, Newton e Seale deram início ao periódico que ficaria conhecido como *The Black Panther* (O Pantera Negra).

<sup>8</sup>SEALE, B. 1970: p.45



1967: Header do jornal *The Black Panther*, projetado por Emory Douglas, contendo a foto de Huey Newton em alto contraste.

## 2.2 O Programa dos Dez Pontos <sup>9</sup>

### 1. Queremos liberdade. Queremos o poder para determinar o destino de nossa Comunidade Negra.

Nós acreditamos que o povo preto não será livre até que nós sejamos capazes de determinar nosso destino.

### 2. Queremos emprego para nosso povo.

Nós acreditamos que o governo federal é responsável e obrigado a dar a cada homem emprego e renda garantida. Nós acreditamos que se o homem de negócios americano branco não nos dá emprego, então os meios de produção devem ser tomados dos homens de negócios e ser colocados na comunidade de modo que o povo da comunidade possa organizar e empregar todas as pessoas e dar-lhes um padrão elevado de vida.

### 3. Precisamos acabar com a exploração do homem branco na Comunidade Negra.

Nós acreditamos que este governo racista tem nos explorado e agora nós estamos demandando a quitação do débito de quarenta acres de terra e duas mulas. Quarenta acres e duas mulas foram prometidos 100 anos atrás em restituição pelo trabalho escravo e assassinato em massa do povo preto. Nós aceitaremos o pagamento em moeda corrente, que será distribuída às nossas muitas comunidades. Os Alemães estão agora reparando os Judeus em Israel pelo genocídio do povo Judeu. Os Alemães assassinaram seis milhões de Judeus. O Racista Americano tomou parte no massacre de mais de vinte milhões de pessoas pretas; conseqüentemente, nós sentimos que esta é uma demanda modesta que nós fazemos.

### 4. Nós queremos moradia, queremos um teto que seja adequado para abrigar seres humanos.

Nós acreditamos que se os senhores de terra brancos não dão moradia descente para a nossa comunidade negra, então a moradia e a terra devem ser transformadas em cooperativas de maneira que nossa comunidade, com auxílio governamental, possa construir e fazer casas descentes para as pessoas.

### 5. Nós queremos uma educação para nosso povo que exponha a verdadeira natureza da decadente sociedade Americana.

### Queremos uma educação que nos mostre a verdadeira história e a nossa importância e papel na atual sociedade americana.

Nós acreditamos em um sistema educacional que dê a nossos povos um conhecimento de si mesmo. Se um homem não tiver o conhecimento de si mesmo e de sua posição na sociedade e no mundo, então tem pouca possibilidade relacionar-se com qualquer outra coisa.

### 6. Nós queremos que todos os homens negros sejam isentos do serviço militar.

Nós acreditamos que o povo preto não deve ser forçado a lutar no serviço militar para defender um governo racista que não nos protege. Nós não lutaremos e mataremos os povos de cor no mundo que, como o povo preto, estão sendo vitimizados pelo governo racista branco da América. Nós nos protegeremos da força e da violência da polícia racista e das forças armadas racista, por todos os meios necessários.

### 7. Nós queremos o fim imediato da brutalidade policial e assassinato do povo preto.

Nós acreditamos que nós podemos terminar a brutalidade da polícia em nossa comunidade preta organizando grupos pretos de autodefesa que são dedicados a defender nossa comunidade preta da opressão e da brutalidade racista da polícia. A segunda emenda da Constituição dos Estados Unidos dá o direito de portar armas. Nós acreditamos conseqüentemente que todo o povo preto deve se armar para a autodefesa.

### 8. Nós queremos a liberdade para todos os homens pretos mantidos em prisões e cadeias federais, estaduais e municipais.

Nós acreditamos que todas as pessoas pretas devem ser liberadas das muitas cadeias e prisões porque não receberam um julgamento justo e imparcial.

### 9. Nós queremos que todas as pessoas pretas quando trazidos a julgamento sejam julgadas na corte por um júri de pares do seu grupo ou por pessoas de suas comunidades pretas, como definido pela Constituição dos Estados Unidos.

Nós acreditamos que as cortes devem seguir a Constituição dos Estados Unidos de modo que as pessoas pretas recebam julgamentos justos. A 14ª emenda da Constituição dos ESTADOS UNIDOS dá a um homem o direito de ser julgado por pares de seu grupo. Um par é uma pessoa com um acumulo econômico, social, religioso, geográfico, ambiental, histórico e racial similar. Para fazer isto a corte será forçada a selecionar um júri da comunidade preta de que o réu preto veio. Nós fomos, e estamos sendo julgados por júris todo-brancos que não têm nenhuma compreensão “do raciocínio do homem médio” da comunidade preta.

### 10. Nós queremos terra, pão, moradia, educação, roupas, justiça e paz. E como nosso objetivo político principal, um plebiscito supervisionado pelas Nações-Unidas a ser realizado em toda a colônia preta no qual só serão permitidos aos pretos, vítimas do projeto colonial, participar, com a finalidade de determinar a vontade do povo preto a respeito de seu destino nacional.



## 2.3 O jornal

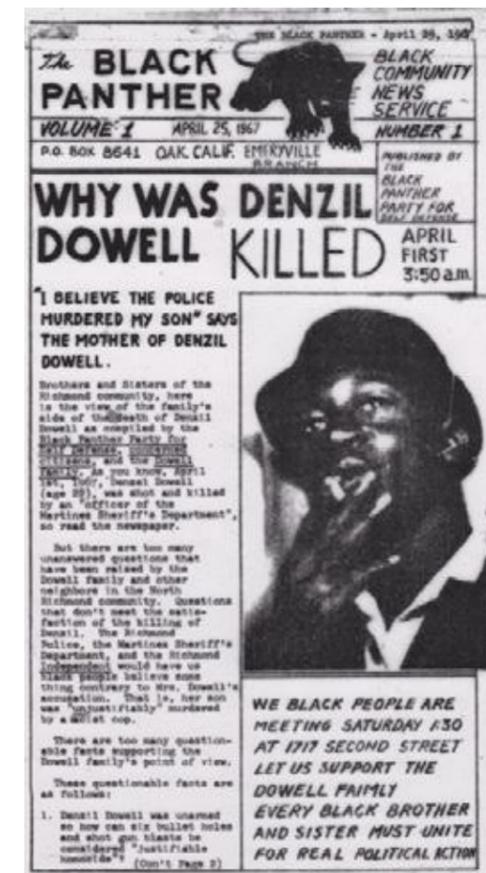
Fundado oficialmente em junho de 1967<sup>10</sup> e inicialmente intitulado *The Black Panther Community News Service*, o periódico que viria a ser conhecido como *The Black Panther* circulou até 1979. Segundo estimativas, no auge de sua publicação, entre 1968 e 1972, o jornal chegou a tiragem máxima de 139.000 a 400.000 exemplares<sup>10</sup> (considerando a contagem do FBI e dos responsáveis pelo jornal, respectivamente).

A utilização de métodos baratos de impressão como fotostato, prensa tipográfica e padronagens e texturas adesivas tornou possível a publicação de um tablóide semanal de duas cores fortemente ilustrado e estilizado.

A influência do Partido fez com que o *The Black Panther* se tornasse a publicação negra mais circulada dos Estados Unidos entre 1968 e 1971<sup>11</sup>. Seu conteúdo trazia informações sobre atos de violência policial, prisioneiros políticos e servia como propaganda para o Programa dos Dez Pontos.

<sup>10</sup> GAITER, Colette. *What Revolution Looks Like: The Work of Black Panther Artist*. In: DOUGLAS, Emory. *Black Panther: The Revolutionary Art of Emory Douglas*. 2007: p. 96

<sup>11</sup> JENNINGS, B. *Remembering the Black Panther Party newspaper, April 25, 1967- September 1980* 2015. Acesso em 14 de maio de 2018.



### ESQUERDA

1967: Huey Newton, um dos fundadores e principal rosto do Partido dos Panteras Negras, posa para a icônica foto portando um rifle e uma lança.

### DIREITA

25 de Abril de 1967: Primeira página da primeira edição do jornal dos Panteras Negras.

**THE BLACK PANTHER** 25 cents  
Black Community News Service

VOL. IV NO. 7 SATURDAY, JANUARY 17, 1970

PUBLISHED WEEKLY **THE BLACK PANTHER PARTY** MINISTRY OF INFORMATION BOX 2987, CUSTOM HOUSE SAN FRANCISCO, CA 94126



**“The American Flag and the American Eagle are the true symbols of fascism.”**

**ELDRIDGE CLEAVER**  
Minister of Information  
Black Panther Party, U.S.A.



**BOBBY SEALE, CHAIRMAN, B.P.P.**  
POLITICAL PRISONER



**HUEY NEWTON, MINISTER OF DEFENSE, B.P.P.**  
POLITICAL PRISONER

**FREE ALL POLITICAL PRISONERS**

17 de janeiro de 1970: Capa contendo Bobby Seale e Huey Newton, fundadores do Partido que haviam sido presos em 1968

**THE BLACK PANTHER** 25 cents  
INTERCOMMUNAL NEWS SERVICE

VOL. VIII NO. 12 Copyright © 1971 by Huey P. Newton SATURDAY, JUNE 10, 1972

PUBLISHED WEEKLY **THE BLACK PANTHER PARTY** MINISTRY OF INFORMATION BOX 2987, CUSTOM HOUSE SAN FRANCISCO, CA 94126



**FREE ANGELA !  
FREE ALL OF US !**  
ANGELA DAVIS FINALLY ACQUITTED OF  
FALSE CHARGES.

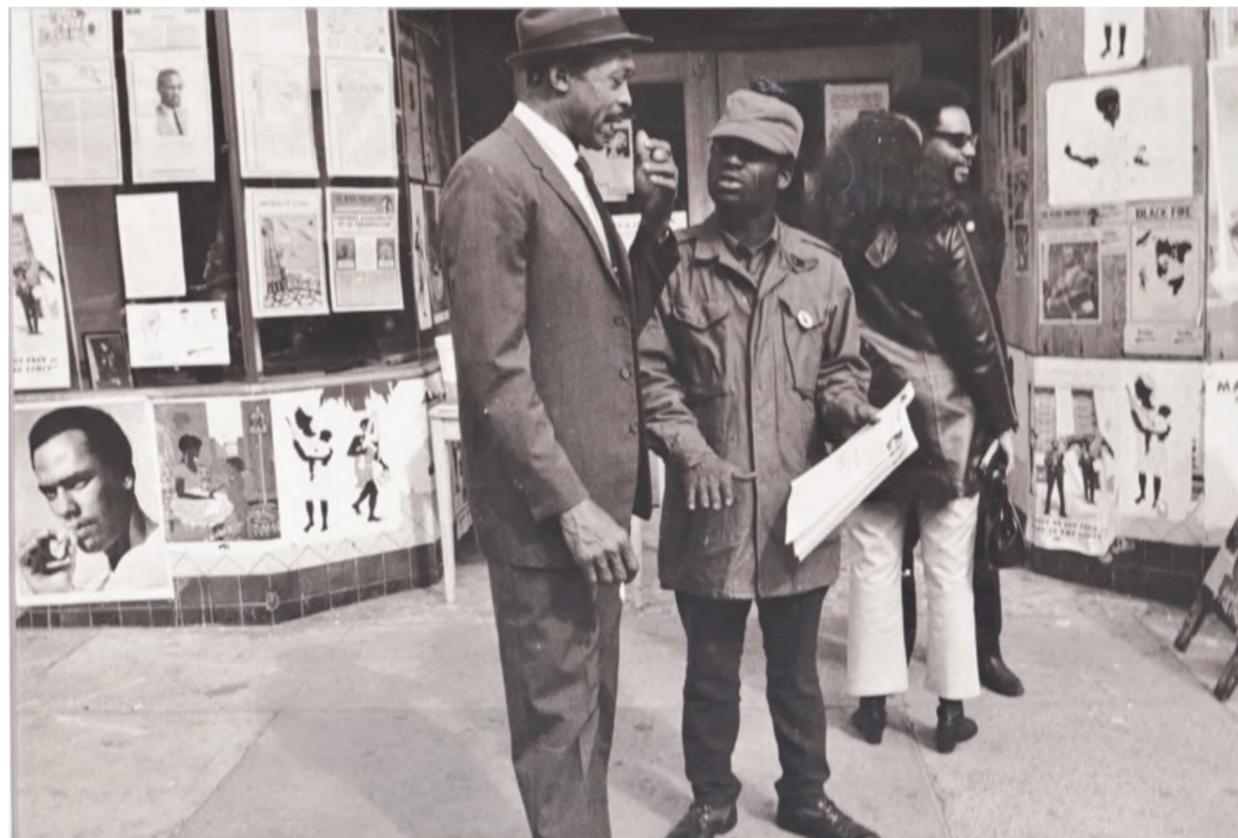



SURVIVAL TICKETS

**VOTE FOR SURVIVAL**

 **BOBBY SEALE FOR MAYOR !**  
**ELAINE BROWN FOR CITY COUNCIL !**

10 de junho de 1972: Página destacando a soltura da ativista Angela Davis.



## 2.4 Emory Douglas: artista revolucionário

Emory Douglas nasceu em 24 de maio de 1943 em Grad Rappids, Michigan. Durante a adolescência foi sentenciado a quinze meses no reformatório Youth Training School, em Ontario, onde trabalhou no setor de impressões. Durante a juventude, pouco antes de se afiliar ao Partido dos Panteras Negras, estudou Artes na Universidade da Cidade de São Francisco.

Em 1967 Douglas se filiou ao Partido após participar da reunião que resultaria no jornal *The Black Panther*. Ao ver os fundadores do Partido utilizando uma máquina de escrever e uma copiadora para produzir o jornal, se ofereceu como voluntário para ajudar e profissionalizar o visual do periódico<sup>12</sup>. Promovido a Ministro da Cultura, Emory foi o principal responsável pela identidade visual dos Panteras Negras, atuando como designer, ilustrador, diagramador e cartunista durante os doze anos de publicação do jornal. Dele vieram a icônica ilustração da pantera símbolo do Partido e a ideia de estampar a foto do fundador Huey Newton nas capas do jornal.

<sup>12</sup> GAITER, Colette. *What Revolution Looks Like: The Work of Black Panther Artist*. In: DOUGLAS, Emory. *Black Panther: The Revolutionary Art of Emory Douglas*. 2007: p. 95

Também intitulado pelo Partido como “Artista Revolucionário”, Douglas utilizava a última página do jornal para estampar posters com temáticas revolucionárias, abordando temas como o racismo e violência policial, a negligência dos governantes e a fome. Muito inspirado em artes de propaganda veiculadas em países como Cuba, China e Vietnã, o estilo de Douglas foi aprimorado e refinado com o decorrer dos anos e de acordo com o próprio amadurecimento das ideias do Partido: o que começou com artes focadas em denunciar a violência policial utilizando a imagem do porco como representação de oficiais racistas e corruptos, foi se moldando conforme a agenda dos Panteras Negras se afastava da auto defesa armada e se aproximava da assistência social e da necessidade de eleger políticos aliados à causa.

A representação da população negra e pobre era uma das principais características das obras de Emory, e com ela vinha a necessidade de fazê-lo de maneira impactante, porém sóbria e respeitosa. A necessidade de mudança social era transmitida com urgência e preocupação de atingir a maior quantidade possível de pessoas, por isso o uso de uma linguagem direta e marcante.



### TOPO

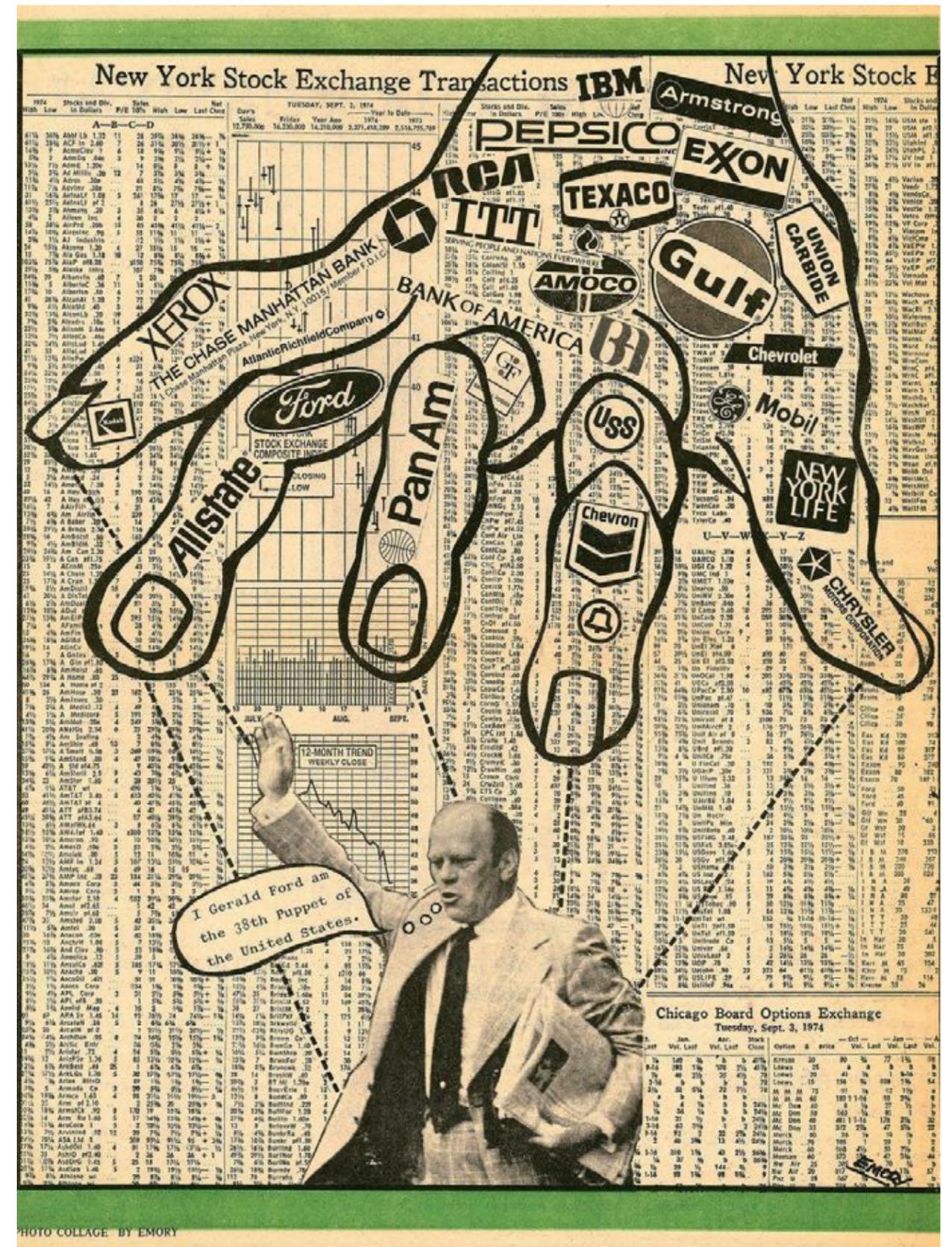
*John Bowman e Emory Douglas conversam com passantes em frente ao escritório de Fillmore.*

### ESQUERDA

*Douglas trabalhando no jornal The Black Panther.*



1969: Afro-American solidarity with the oppressed People of the world (Solidariedade afro-americana ao povo oprimido ao redor do mundo), representa a primeira fase, mais radical e armamentista, do Partido em seus primeiros anos de existência.

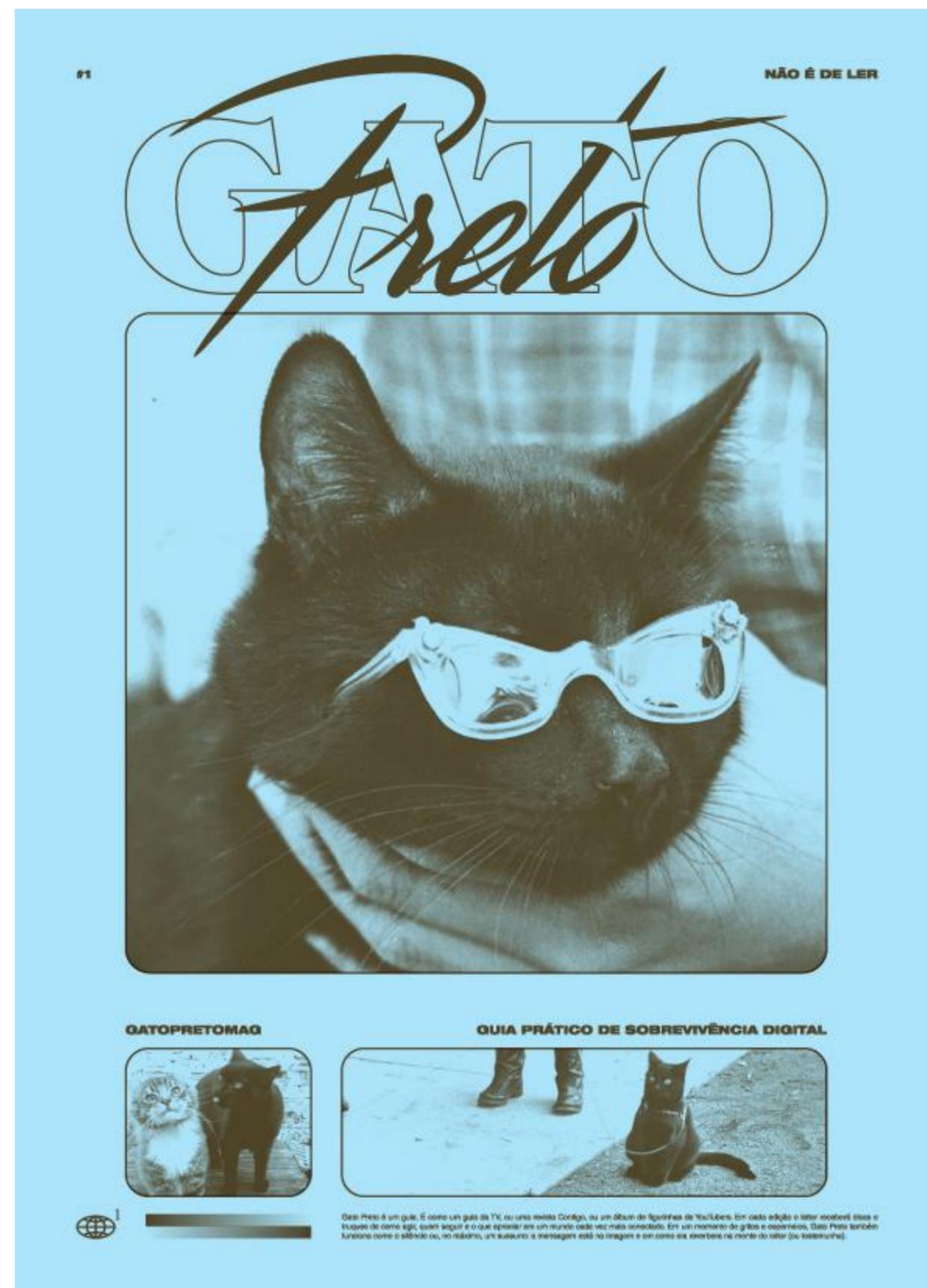


1974: I Gerald Ford am the 38th Puppet of the United States (Eu Gerald Ford sou a 38ª Marionete dos Estados Unidos), cartaz envolvendo colagem que representa a segunda fase do Partido, mais focada na necessidade de mudanças através de políticos aliados às causas sociais.

## 2.5 Influências no projeto

As questões de visualidade no trabalho de Emory Douglas mudaram o meu pensamento sobre o projeto da revista. Anteriormente preocupado em utilizar uma linguagem extremamente colorida e que transmitisse a pluralidade dos artistas expostos, resolvi seguir em frente contando apenas com o mínimo possível de recursos visuais.

Foi importante manter a neutralidade na apresentação dos projetos, com as obras em destaque sobre o fundo neutro do papel. Nas intervenções, tive a liberdade de utilizar elementos gráficos conversando com colagens, temas comuns nos cartazes do tablóide do Partido.



ESQUERDA Páginas da revista TOPO Cartazete elaborado para acompanhar a versão impressa da revista.

## 3. O projeto

### 3.1 Ideias iniciais

Uma preocupação recorrente durante a escolha do tema foi a de abordar raça, e como abordar de uma maneira que considero construtiva. Por ser um aluno cotista, este projeto de conclusão é um pequeno e necessário retorno ao enorme privilégio que recebi ao poder frequentar esta universidade.

Minha primeira ideia envolvia um aplicativo chamado Lista Negra. A função do aplicativo era, através das ferramentas de geolocalização presentes nos computadores e smartphones, denunciar e marcar estabelecimentos comerciais onde os usuários teriam passado por situações vexatórias envolvendo sua raça. O objetivo final do projeto era o de mostrar que o poder de compra é uma ferramenta importante na manutenção e na mudança de hábitos sociais.

Após refletir sobre outras possibilidades para o TCC, cheguei à conclusão de que a forma ideal de transmitir minhas ideias seria através de uma publicação, o que até então fazia parte de uma área do design com a qual eu não tinha muita familiaridade (propositalmente).

A primeira ideia para a revista Gato Preto envolvia o lançamento de todo o conteúdo em uma página no Instagram, uma rede social com presença de público variado, e também no lançamento de uma versão física limitada e impressa à cores. Eventualmente a ideia foi tomando um caminho um pouco diferente até chegar no resultado final que vemos nesta monografia.

Em suma, minha primeira ideia de tema para o projeto de conclusão de curso focava nas experiências negativas dessa lembrança: constrangimentos, más impressões. A ideia da revista Gato Preto veio da necessidade em focar na parte boa desta lembrança, reforçando a auto estima e a possibilidade de transformação social através da arte.

## 3.2 Conceito

Gato Preto é um guia. É como um guia da TV, ou uma revista Contigo, ou um álbum de figurinhas de YouTubers. Em cada edição o leitor receberá dicas e truques de como agir, quem seguir e o que apreciar em um mundo cada vez mais conectado. Em um momento de gritos e esperneios, Gato Preto também funciona como o silêncio ou, no máximo, um sussurro: a mensagem está na imagem e em como ela reverbera na mente do leitor (ou testemunha).

A ideia do nome, o (primeiro) logotipo e tema da revista vieram de uma vez só. Ser negro significa ser, volta e meia (ou sempre), lembrado de que você é negro, seja através de um comentário, de um olhar diferente ou uma piada. Os gatos pretos, ainda hostilizados devido ao seu stigma de portadores de azar, serviram como a metáfora ideal para amarrar a conceituação do projeto: chamar artistas negros que eu admiro e dar mais uma plataforma para que mostrem seus trabalhos, e nos espaços restantes a oportunidade de intervir como bem entender.



## 3.3 Iniciativas similares

Após decidir o rumo inicial da revista, pesquisei os casos que seriam as primeiras referências para o projeto. Começando com iniciativas similares, ou seja, projetos com o objetivo em comum de divulgar o trabalho de artistas negros independente da mídia em que estão situados:

### Shotgun Seamstress

Zine norte americana cuja primeira edição foi lançada em agosto de 2006. Atualmente está na oitava edição e conta com um compilado de suas seis primeiras edições pela Mend My Dress Press. Segundo a descrição dada pela própria equipe do periódico, Shotgun Seamstress é uma fanzine de, para e sobre punks negros.

### 28 Days of Black Designers: A project that spotlights black designers during Black History Month

O 28 Days of Black Designers é um projeto que foca nas histórias e no trabalho de designers afroamericanos. De acordo com o Design Census 2016, uma pesquisa realizada em parceria entre o Google e a AIGA (American Institute of Graphic Arts), entre os 7703 participantes estadunidenses, apenas 3% são negros; Foi pensando nisto que o designer Tim Hykes criou o projeto, que durante o mês de fevereiro de 2017 levantou o perfil de um designer diferente todos os dias.

### African Digital Art

African Digital Art é uma plataforma virtual focada em trabalhos de artistas africanos. Seu foco é em processos digitais, abrangendo produção audiovisual, animação, projetos interativos, web, cinema, ilustração e design.

### Projeto Dúdús

O Projeto Dúdús (que significa “escuros, negros, pretos” em iorubá) é uma plataforma digital idealizada pelo produtor de arte Gabriel Hilair com a finalidade de impulsionar os negros no diálogo de arte.

### 3.4 Gato Preto (nome)

A primeira ideia referente ao projeto final foi o nome: Gato Preto, que acaba representando diversos significados e mantém o jogo de palavras presente no aplicativo da ideia anterior (Lista Negra).

O nome Gato Preto funciona como uma homenagem ao jornal *The Black Panthers*, principal publicação do Partido dos Panteras Negras veiculado entre 1967 e 1979. A importância da simbologia do gato preto como animal místico, o fato de ser um felino assim como a pantera e a possibilidade de usar a palavra “preto” no título foram fatores essenciais para a escolha do nome. O nome Gato Preto também engloba os artistas, os colaboradores da revista e todos os pretos do Brasil e do mundo. A revista é nossa e para nós.

### 3.5 Gato Preto (personagem)

O personagem Gato Preto é a figura que amarra a linha editorial, sendo ao mesmo tempo a voz onipresente do editor, os artistas e os colaboradores. É sob a alcunha de Gato Preto que assino as intervenções presentes na primeira edição da revista sob a forma de “dicas” de sobrevivência.



#### ESQUERDA

Arte presente na revista com o personagem, no corpo do rapper Kanye West, oferece espaço publicitário.

#### DIREITA

Arte não publicada na revista onde o Gato Preto oferece a dica para a selfie perfeita.



twitter.com/\_Tavinho22/status/931264050910187521

## 4. Primeira edição: guia prático de sobrevivência digital

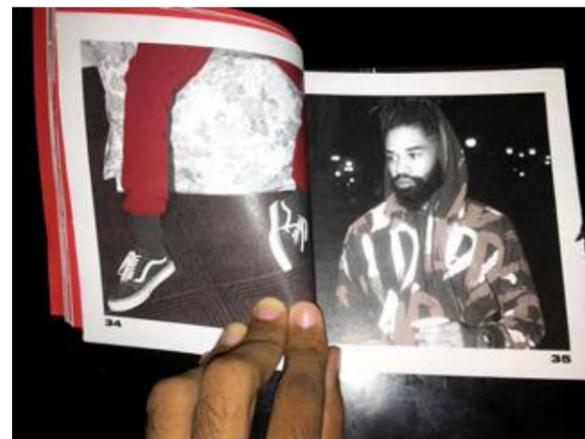
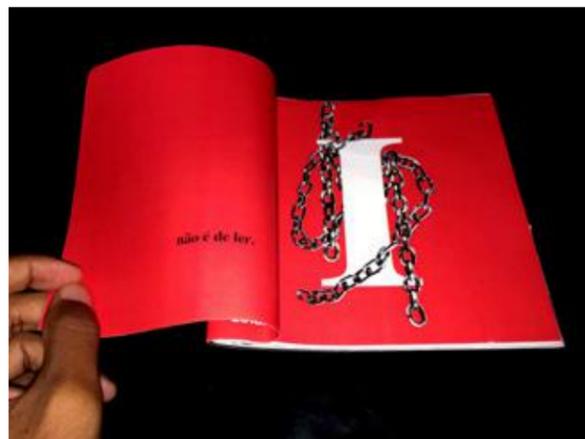
### 4.1 Estudos iniciais

Ainda sem decidir a forma de impressão, desenvolvi estudos iniciais que me ajudariam a definir a cara e a proposta da revista. Alguns dos elementos que se mantiveram na produção final foram o uso constante de cores chapadas (herança dos cartazes revolucionários de Emory Douglas), intervenções com ilustrações e o uso de tipografias fortes e espaçadas.



## 4.2 Protótipo

Após a decisão de imprimir a revista em risografia utilizando apenas duas cores, elaborei um protótipo com o intuito de avaliar aspectos como proporção dos elementos, cores, tamanho das fontes e disposição das páginas.



## 4.3 Como sobreviver digitalmente?

Após a definição dos aspectos técnicos iniciei a organização do conteúdo editorial. A primeira edição da revista, com o subtítulo “guia prático de sobrevivência digital”, partiu da ideia de falar sobre situações online. Como o plano era lançar a revista pelo Instagram, fazia sentido que o leitor se deparasse com uma linha editorial focada na mídia em que estava inserida.

Com o tempo e graças a acontecimentos recentes a ideia foi dando lugar ao desejo de uma aproximação mais calcada no mundo real. Ainda assim, decidi por manter o título, que desta vez desafia questões multimídia: o conteúdo (informações dos artistas, programação visual, minhas ilustrações) que vem originalmente pelo computador é transformado em analógico através da impressão da revista e, após disso, volta (digitalizado) para a internet.

As intervenções com as “dicas” ficam presentes entre o conteúdo e apresentam, a princípio, conselhos óbvios, paternalistas e muitas vezes incompletos, mas que contam com um subtexto pessoal: “cuidado com a polí[cia], conheça um bom a[dvogado], pratique esportes etc” são questões com as quais muitos jovens negros se depararam ao decorrer da vida e que, bem ou mal, podem garantir sua sobrevivência ou bem estar.



## 4.4 Edição Vermelha

O plano é que cada edição receba uma paleta de cores ou uma forma de impressão diferente. Para a primeira edição, escolhi o esquema de cores vermelho-preto.

Por abordar o tema de sobrevivência, ainda que com intervenções de natureza jocosa, foi importante utilizar cores fortes e contrastante que transmitissem a seriedade e urgência do tema na sociedade atual.

Utilizando impressão risográfica, resolvi o esquema de cores da revista através da sobreposição da impressão em preto e vermelho, feitas separadamente.



Preto

Vermelho

Sobreposição



Preto

Vermelho

Sobreposição

## 4.5 Saindo da zona de conforto

Tendo sempre prezado por trabalhos calcados em ordem e simetria, decidi iniciar o projeto final da faculdade com a preocupação de subverter algumas de minhas “manias” adquiridas desde antes de ingressar na faculdade.

O uso de tipografias diferentes, muitas vezes distorcidas (comentando os chamados crimes tipográficos), uma preocupação menor com o grid, pequenos erros na hora de montar os registros de impressão etc. foram formas de me desprender de um processo de criação familiar e me arriscar em formas de expressão diferentes do design, e todo o projeto da revista foi importante para este desprendimento.

## 4.6 Público-alvo

Devido a natureza do projeto, o público imediato seria o de consumidores de zines, revistas alternativas e publicações independentes. A distribuição da revista em feiras com o propósito específico de vender material independente possibilita um alcance grande por parte deste público.

Fora do nicho das feiras, o público alvo agrega negros e negras de todas as idades, universitários e jovens adultos. É de grande importância que o alcance seja maior para atingir tanto adolescentes (com interesse em artes, possíveis futuros artistas) quanto adultos (curiosos, artistas, acadêmicos, donos de galerias etc), por isso é importante também a existência de uma versão digital e facilmente “compartilhável” da revista.

## **5. Participantes e colaboradores**

### **5.1 Sobre os participantes**

Os sete artistas escolhidos representam as sete vidas do gato na credence popular. O processo de escolha se deu com base na variedade dos projetos e na possibilidade de reprodução de suas obras em meio impresso. Foi de suma importância para a primeira edição da revista contar com a presença de artistas que utilizam técnicas muito distintas entre si (colagem, ilustração tradicional, fotografia digital e analógica, lambe lambe, rendering 3D etc) no intuito de demonstrar a natureza multifacetada do projeto.

## 5.2 Artistas

### **Alberto Pereira**

*Artista visual; designer*

Alberto Pereira é artista de rua nascido no Rio de Janeiro e criado entre Niterói, Rio de Janeiro, Brasília e Angra dos Reis.

Cria imagens a partir de imagens. Cria textos. Explora contextos. Gosta de ressignificar as coisas, brincar com camadas, trocadilhos, pesos e proporções. Às vezes até inverter, torcer até que a própria coisa se torne outra. E nesse jogo de coisas, a busca é por tocar a mente e o coração de quem vê, pra que esse tanto de coisa, vire um pouco de sentimento.

### **Furmiga (Gabriel de Souza)**

*Ilustrador; designer*

Furmiga é o pseudônimo do artista pernambucano Gabriel de Souza.

Gabriel possui influências que variam de artistas locais como Mario Bros, Nathê, Hamal, Biaritzzz e Sarmurr passando por nomes estrangeiros como Basquiat, Kerry James Marshall, Kara Walker e Tabita Rezaire. Seu trabalho incorpora elementos do cotidiano da cidade grande e toma como ponto de partida os pequenos pontos de caos urbano: pixações, grafites e rachaduras em paredes se fundem em ilustrações ao mesmo tempo abstratas, caóticas e sublimes.

### **Guilbert Lima**

*Fotógrafo*

Guilbert Lima faz umas fotos doidas e vai vivendo. O fotógrafo carioca divide seu trabalho autoral com coberturas de shows e eventos musicais e possui em seu diferencial o uso de cores fortes e de paisagens oníricas que compoem seu imaginário.

### **Iwintolá (Rafael Ribeiro)**

*Fotógrafo*

“Iwintolá”: “Filho de Obatalá”, traduzido do iorubá. Significa toda minha ancestralidade, de onde vim, para onde vou. Caminho entre diversas técnicas, caminho entre o mundo material e espiritual, transpasso através da fotografia inúmeros diálogos, troca de perspectivas, o ato de propor algo a alguém que está de fora, trazer para dentro. Mesmo propondo as pessoas tem sua própria perspectiva, sua

própria vivência, seu jeito de enxergar o mundo, é isso que faz ser tão próximo, a troca. Mesmo propondo, você sempre irá enxergar de uma maneira totalmente nova e diferente, e é isso que move o meu mundo e minha arte.

### **Ramon Zonzo (Ramon Silva)**

*Artista visual*

Ramon Silva é um artista carioca focado em colagens. Seu trabalho consiste em experimentações temáticas com referências que passam por Hip-Hop, natureza e afrofuturismo. É responsável também pela ORBITAL, uma plataforma de experimentação cultural multidisciplinar que visa através da musica expandir o pensamento humano multidimensional.

### **Louquai (Vitória Cribb)**

*Artista gráfica; designer*

O Projeto louquai é sobre sensibilidade e negritude. Tento dialogar com aqueles que não são vistos como verdadeiros nativos no cotidiano, os estranhos e “fora do normal” diante de uma sociedade racista, explorando uma de suas armas mais puras e verdadeiras, a sensibilidade. A sensibilidade e o amor entre esse povo liberta e cura a alma açoitada.

### **Zéh Palito**

*Grafiteiro; pintor*

Zéh Palito compartilha sua nova mitologia visual e pensamentos sobre o futuro, comemorando a vitalidade e o dinamismo desse mundo caótico, seja poético, aqui composto de cores vivas, estruturas geométricas, abstração orgânica e variações dimensionais cheias de sonhos místicos.

## 5.3 Colaboradores

### **Rodrigo Rosm**

*Designer*

Formado em Comunicação Visual pela PUC-Rio, Rodrigo Rosm é responsável pelo selo independente Casa 23, que conta com um catálogo de publicações próprias e de autoria de diversos artistas cariocas. Em seu ensaio intitulado Divagações Matutinas e o Preto no Reino Animal: Pesquisa e Processo em Design, Rosm disserta sobre um sonho envolvendo Karl Gerstner, Manu Chao e sua pesquisa sobre a família dos Abutres.

### **Larissa Dias**

*Figurinista; trancista; escritora*

Larissa Dias trabalha como trancista, figurinista e DJ. Moradora da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro divide seu tempo entre as diferentes ocupações, além de escrever em sua página no Medium. Larissa é autora do texto Agonizo mas Não Morro, que fecha a revista de forma literal e conceitual.

## 6. Projeto gráfico

### 6.1 Capa

A capa da primeira edição, fortemente influenciada pelo periódico de quadrinhos Historieta, contém uma ilustração vetorial de autoria própria que apresenta o personagem Gato Preto como uma versão crescida da criança que estampa a embalagem dos cigarrinhos de chocolate Pan. A proposta da revista envolve um estilo de capa não-fixo, podendo ou não conter uma ilustração vetorial.



#### ESQUERDA

*Ilustração da capa em sua versão preliminar, antes dos ajustes de cor*



#### DIREITA

*Versão finalizada da capa, já com as cores da impressão*

## 6.2 Logo

Mesmo tendo a liberdade de trabalhar com diferentes arranjos tipográficos e letterings durante as edições, decidi elaborar um logo fixo para ser utilizado em ocasiões de divulgação da revista. Desde os primeiros estudos até a versão final, o logo apenas passou por refinamentos: a ideia das palavras “gato” e “preto” juntas e entrelaçadas sempre esteve presente, assim como a ideia de utilizar tipografias diferentes em cada palavra, sendo uma mais “tradicional” e a outra mais próxima de um traço estilizado.

*Estudos iniciais presentes nas primeiras versões da revista.*



*Logo presente no mini cartaz que acompanha a revista*



*Versão em uma cor em fundo branco.*



*Versão em uma cor em fundo preto.*



*Versão em duas cores com fundo colorido.*

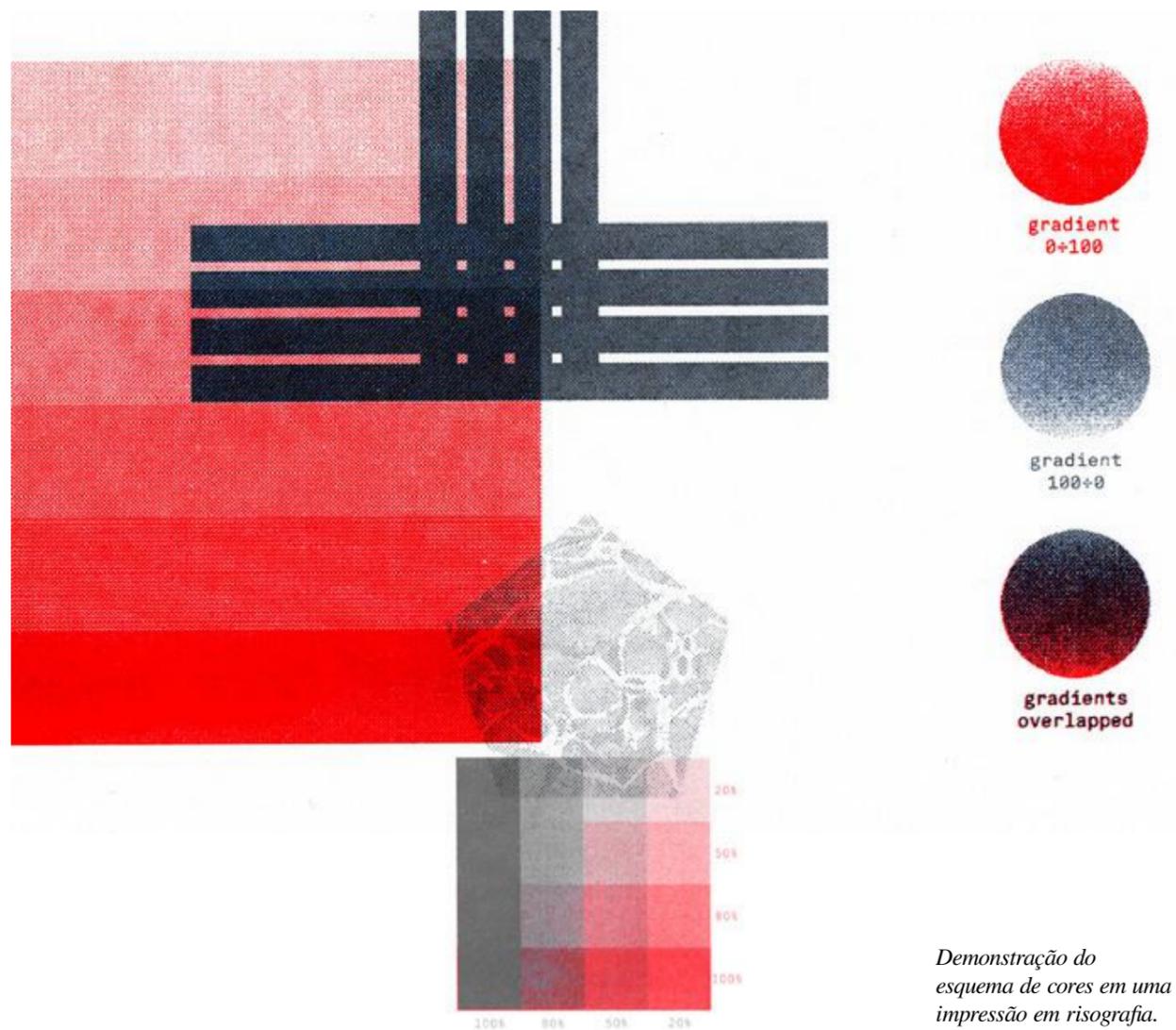
## 6.3 Impressão

Por acreditar que a visualidade e o poder das imagens presentes na revista devam ser representados de forma única, o processo escolhido para a impressão da revista foi a risografia por dois motivos:

**O aspecto rústico**, com detalhes de retícula visíveis a olho-nu e uso do papel pólen que garante uma aspereza ao projeto.

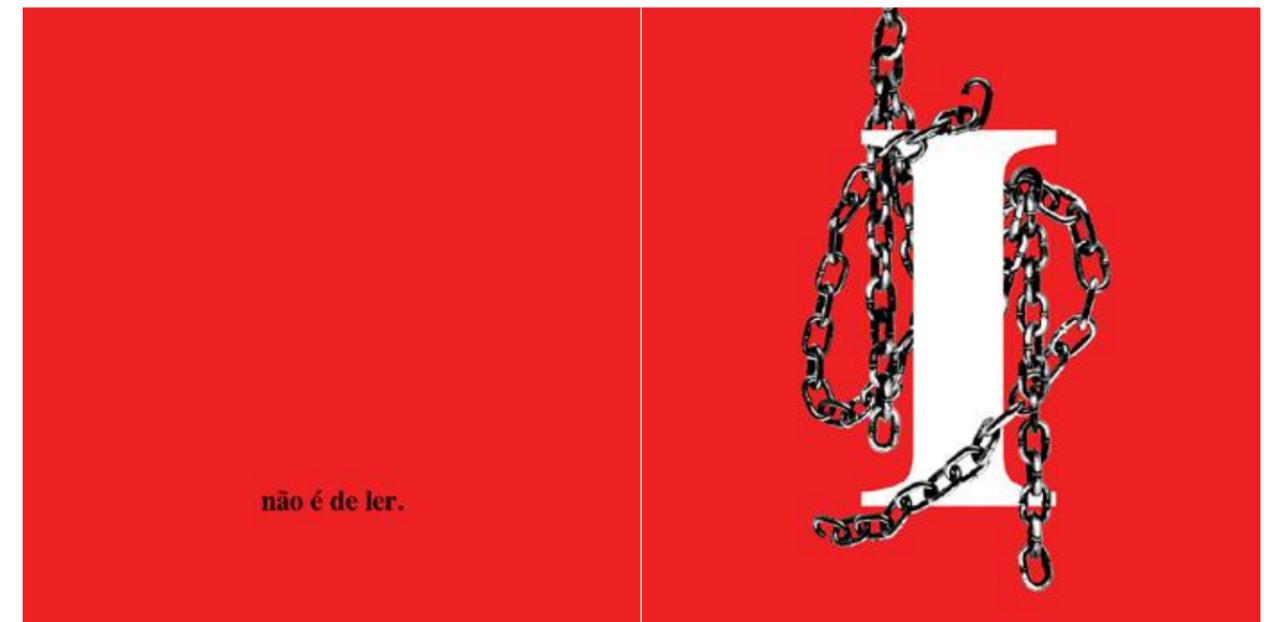
**O uso limitado de cores (vermelho e preto)**, indo de encontro ao conceito artesanal dos trabalhos de Emory Douglas como membro do Partido dos Panteras Negras.

Inicialmente foram impressas 100 cópias da revista na gráfica Risotrip, localizada no Rio de Janeiro.

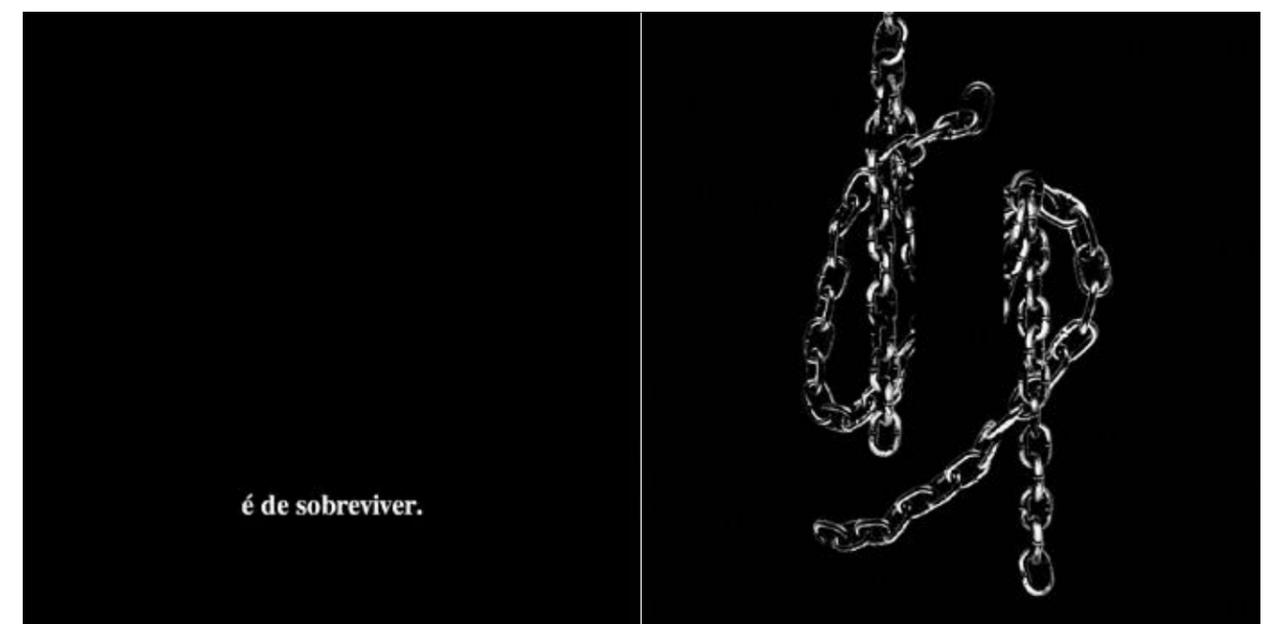


## 6.4 Guardas

As guardas foram pensadas para transmitir a intenção do projeto mantendo a simplicidade e visualidade do restante da revista. Nas guardas iniciais temos o número da edição e a frase “não é de ler”, enquanto as guardas finais representam a luz apagada, indicando que a revista terminou aqui e completando a frase com “é de sobreviver”.



*Guardas iniciais*

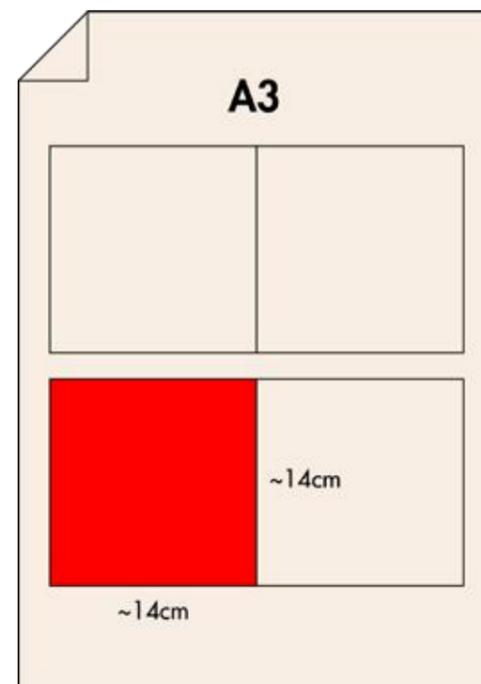
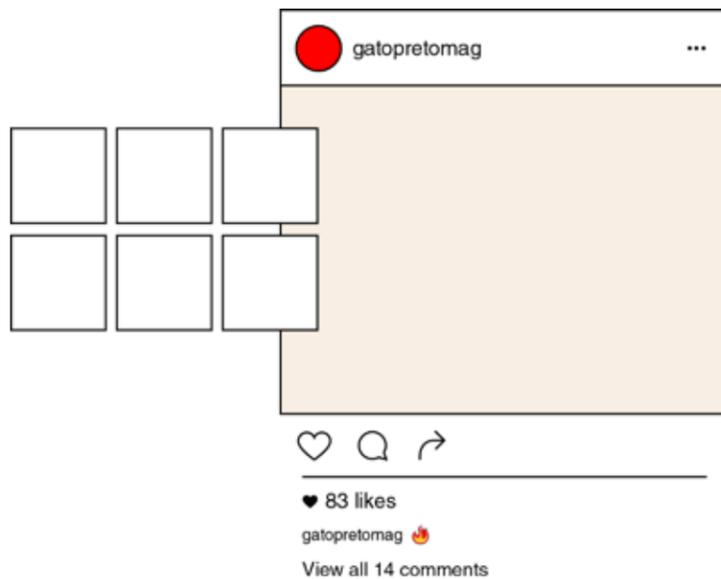


*Guardas finais*

## 6.5 Formato

A revista conta com 76 páginas ao todo, sendo 3 duplas para cada artista participante (7 artistas, totalizando 42 páginas) e as 34 páginas restantes para o conteúdo editorial.

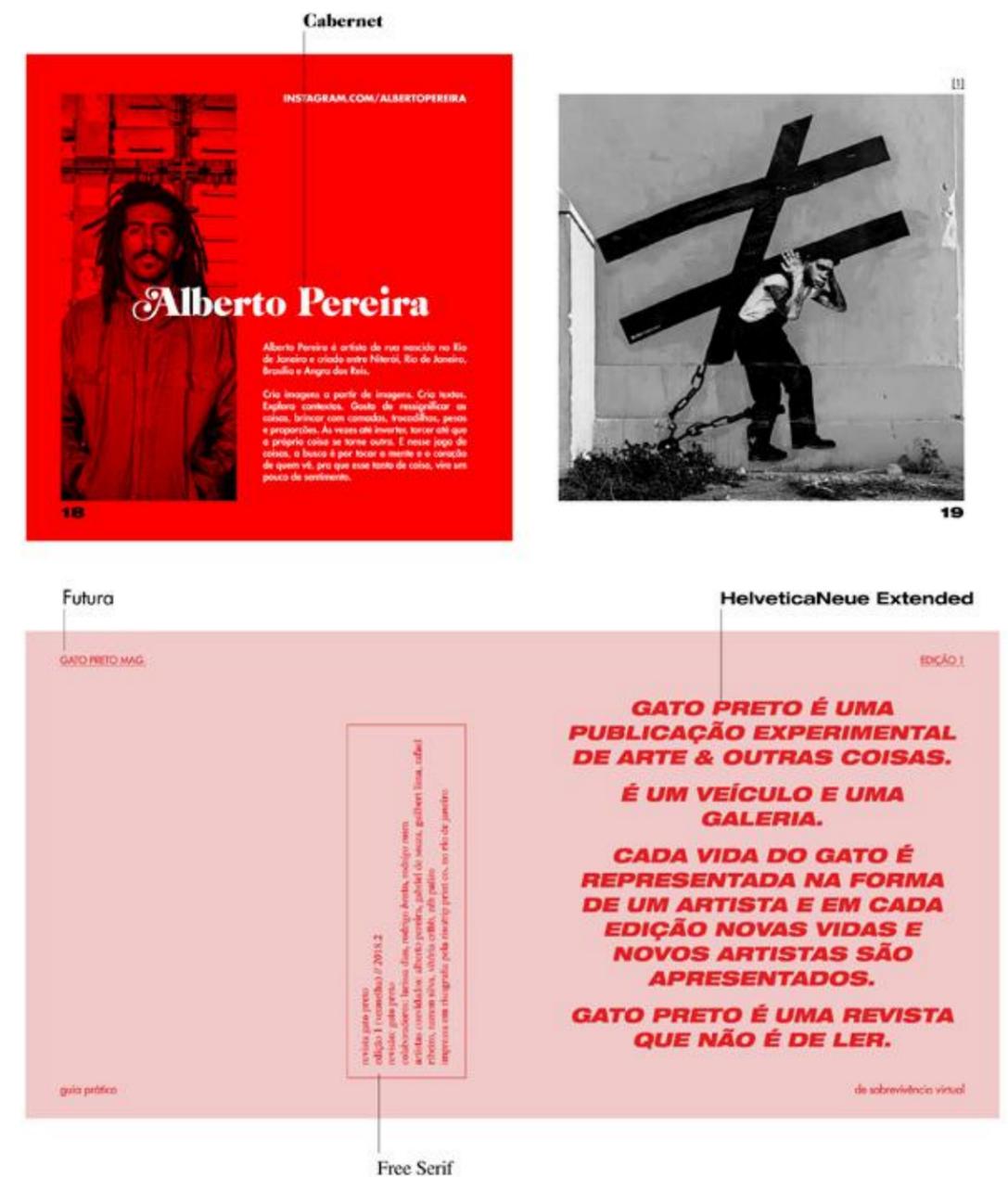
Por ser um produto com o intuito de fazer a ponte do meio virtual para o real, a proporção da revista segue o padrão utilizado em redes sociais como Facebook e Instagram. A proporção escolhida para a revista foi a de 1 : 1 e as dimensões são 14cm x 14cm, garantindo o máximo de aproveitamento nas chapas de impressão A3. O método de encadernação utilizado foi a blocagem, com intuito de preservar a espessura do papel, melhorando o manuseio e remetendo ao mesmo nível de estímulo tátil das antigas histórias em quadrinhos em “formatinho”.



## 6.6 Tipografia

A tipografia é um elemento importante para transmitir a intenção do interlocutor. Meu objetivo neste projeto foi utilizar uma gama variada de tipografias com e sem serifa de modo que o resultado final fosse orgânico e, ao mesmo tempo, visualmente organizado e contemporâneo.

Foi importante criar uma hierarquia tipográfica que comunicasse ao leitor informações como o título do texto, a numeração da página e o texto corrido ainda que as fontes variem entre as páginas.



## 7. A revista



**não é de ler.**



revista gato preto  
edição 1 (vermelha) // 2018.2  
revisão: gato preto  
colaboradores: larissa dias, rodrigo bento, rodrigo rosm  
artistas convidados: alberto pereira, gabriel de souza, guilbert lima, rafael  
ribeiro, ramon silva, vitória cribb, zéh paliro  
impresa em risografia pela risotrip print co. no rio de janeiro

**GATO PRETO É UMA  
PUBLICAÇÃO EXPERIMENTAL  
DE ARTE & OUTRAS COISAS.**

**É UM VEÍCULO E UMA  
GALERIA.**

**CADA VIDA DO GATO É  
REPRESENTADA NA FORMA  
DE UM ARTISTA E EM CADA  
EDIÇÃO NOVAS VIDAS E  
NOVOS ARTISTAS SÃO  
APRESENTADOS.**

**GATO PRETO É UMA REVISTA  
QUE NÃO É DE LER.**



# COMO SOBREVIVER digitalmente

guia prático

- 01 **Sempre diga a ver-**
- 02 **Seja você mesmo**
- 03 **Evite más compan-**
- 04 **Não use drogas**
- 05 **Cuidado com a polí-**

de sobrevivência virtual



**Rosm** [divagações]  
12–15

**Alberto Pereira** [1]  
18–23

**Furmiga** [2]  
24–29

**Guilbert Lima** [3]  
30–35

**Iwintolá** [4]  
36–41

**Ramon Zonzo** [5]  
42–47

**Vitoria Cribb** [6]  
48–53

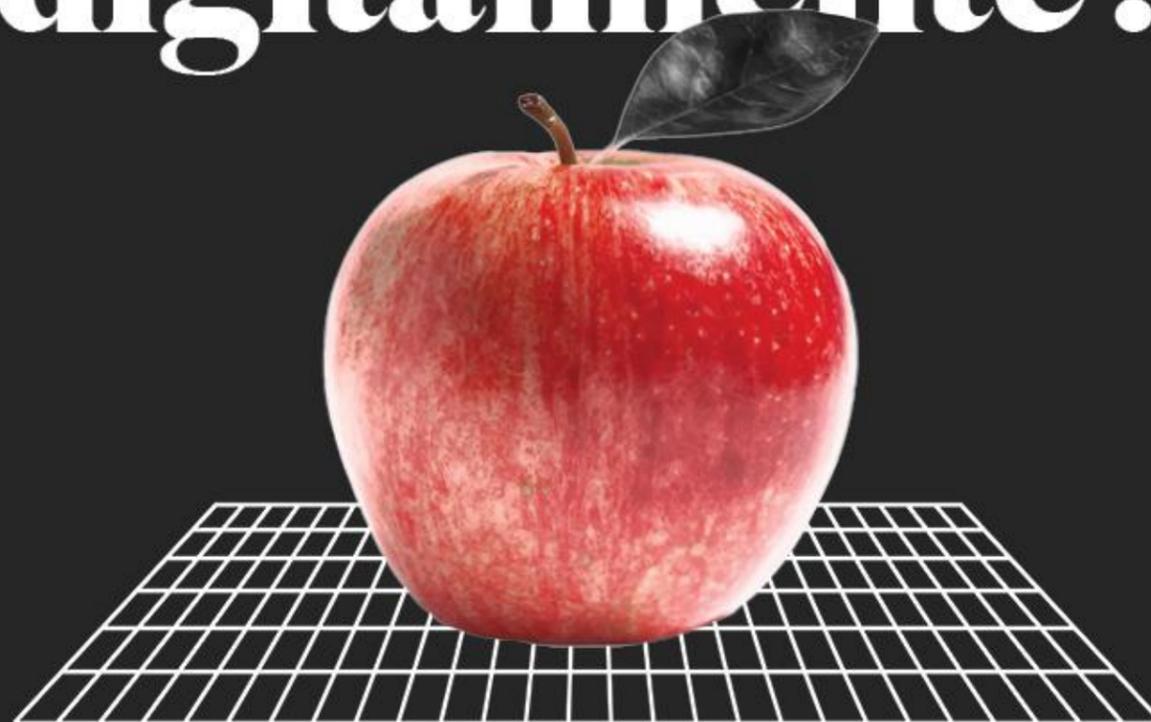
**Zéh Palito** [7]  
54–59

**Yung Buda** [músicas para drift]  
60–63

**Larissa Dias** [agonizo mas não morro]  
70–71

# Como sobreviver digitalmente?

<b>Olhe para os dois lados</b>	06
<b>Conheça um bom amigo</b>	07
<b>Um pé na frente e um na traseira</b>	08
<b>Use preservativo</b>	09
<b>Vá pela sombra</b>	10



# DIVAGAÇÕES MATUTINAS E O PRETO NO REINO ANIMAL: PESQUISA E PROCESSO EM DESIGN



Estudo à Mão Livre

Rodrigo Rosm  
RODRIGOROSM.COM

**H**oje acordei atribulado com um sonho suíço. Sonhei que estava na sala de convivência da Biblioteca do CCBB conversando com Karl Gerstner sobre pesquisa avançada, hipertexto, sistemas de grid e desenho universal. Um mestre e um mero estudante de comunicação visual. Karl, foi extremamente cordial e solícito, respeitando minha explícita dificuldade com a língua anglo-saxônica e respondia meus apontamentos com um português pausado e coloquial. Atento e encabulado com tal circunstância extraordinária, eu mal conseguia formular frases pertinentes; fiquei alguns minutos de cabeça baixa fazendo

anotações recursivas em um caderno feito à mão chamado CAMILE. Karl parecia entender minha posição de estudante empolgado e fazia digressões sobre escola de Ulm, racionalismo do design brasileiro, citando trechos e momentos da obra de Aloísio Magalhães. Comentou sua obra Edição Hoje publicada em 1975 e destacou o site organizado pelo instituto de memória gráfica brasileira ([www.aloisioMagalhaes.org](http://www.aloisioMagalhaes.org)) com todo acervo do designer/artista/produtor brasileiro. Ainda falou sobre literaturas obrigatórias para o desenvolvimento de um pensamento visual integrativo: Art as experience (Jonh Dewey), Pedagogical

Schetbook (Paul Klee), Graphic Design Manual (Armim Hoffman). Karl ainda levantou questões sobre as responsabilidades de um projetista gráfico, um manipulador de signos, seu papel e função social, e me fez uma pergunta:

– Você sabe o que é a navalha de Ockham ?

Obviamente não sabia. Ele também não me respondeu e me pediu para levar essa questão como um objeto de pesquisa para vida enquanto afirmava: “Textos são discursos...”

Uma música do Manu Chao entrava na minha cabeça e aquele sonho clarividente e ao mesmo tempo incoerente, por cruzar pessoas, dados e conceitos de espaços/tempos diferentes, chegava ao fim. Eram seis horas da manhã e alguns minutos de uma segunda-feira.

A realidade é densa.

A luz do dia ainda nem se fazia presente e eu observava a janela aberta. Pensei: “Sagaz é o urubu que nas manhãs solares abre as asas para receber a energia vital do sol e seguir na sua labuta diária. E nas manhãs chuvosas

olha fixo para horizonte buscando um ponto seguro que lhe permita continuar seu ciclo dia após dia!”

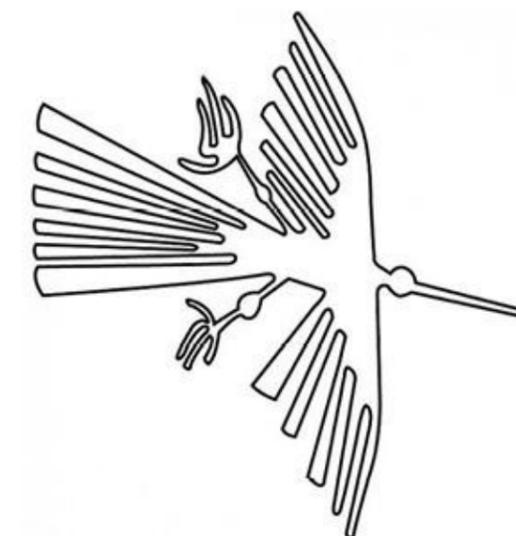
\* \* \*

Era um dia nublado, cinzento e recheado de afazeres e, como exercício de descontração, resolvi transcrever meu sonho da última noite. Fiz o cruzamento de frames do sonho com anotações das minhas leituras; havia passado um fim de semana inteiro na biblioteca do CCBB entre as seções de editoração, fotografia e comunicação visual. Nesse processo acabei por reler esse texto inúmeras vezes: ia e voltava. Muitas das citações acima são objetos de estudo que me acompanham sempre, são exemplos das minhas preferências sobre as coisas do Mundo. Porém, dois elementos narrados no texto “Divagações Matutinas” serviram para motivar o desenvolvimento de um projeto gráfico que desejo apresentar:

Navalha de Ockham é um princípio criado pelo frade inglês Willian de Ockham (1050–1120) que afirma que para explicação de qualquer fenômeno deve se aplicar a simplificação máxima das premissas necessárias

para o entendimento geral do fenômeno, teoria ou hipótese, ou seja, negar todas as pluralidades que não contribuam para a compreensão geral, valorizando a simplicidade e a síntese. Sendo assim, trouxe esse princípio para o conceito do projeto como uma ideia de recorte e filtragem. Conceito usado na Física e Química.

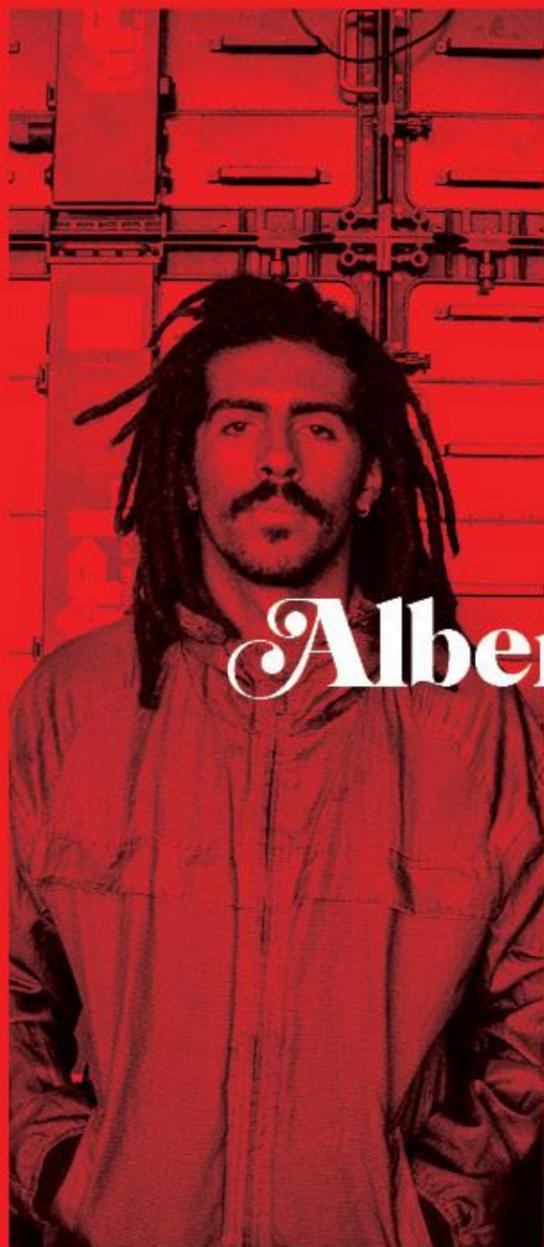
O urubu é um animal que sempre me encantou pela sua imponência e sobre sua função na cadeia alimentar, além de ser o mascote do meu time do coração. Na frente da minha casa em Santa Tereza havia um ninho de urubu e por isso fiz essa relação no texto: sempre os observava e, com passar do tempo, acabei por gerar desenhos e anotações referente a esse animal peculiar. Avancei com uma pesquisa sobre a família das Abutres (Cathartidae) e conheci mais sobre a figura mitológica do condor para as comunidades andinas. O condor foi considerado uma divindade por todas estas civilizações. Para as tribos andinas o condor é uma ave sagrada, é conhecida como Kúntur entre os Quéchuas, Kunturi entre os Aymaras, Manque ou Alcaman entre os Mapuches ou Oyikil entre os Tehuelches. O guardião dos céus.





guia prático

de sobrevivência virtual



INSTAGRAM.COM/ALBERTOPEREIRA

# Alberto Pereira

Alberto Pereira é artista de rua nascido no Rio de Janeiro e criado entre Niterói, Rio de Janeiro, Brasília e Angra dos Reis.

Cria imagens a partir de imagens. Cria textos. Explora contextos. Gosta de ressignificar as coisas, brincar com camadas, trocadilhos, pesos e proporções. Às vezes até inverter, torcer até que a própria coisa se torne outra. E nesse jogo de coisas, a busca é por tocar a mente e o coração de quem vê, pra que esse tanto de coisa, vire um pouco de sentimento.

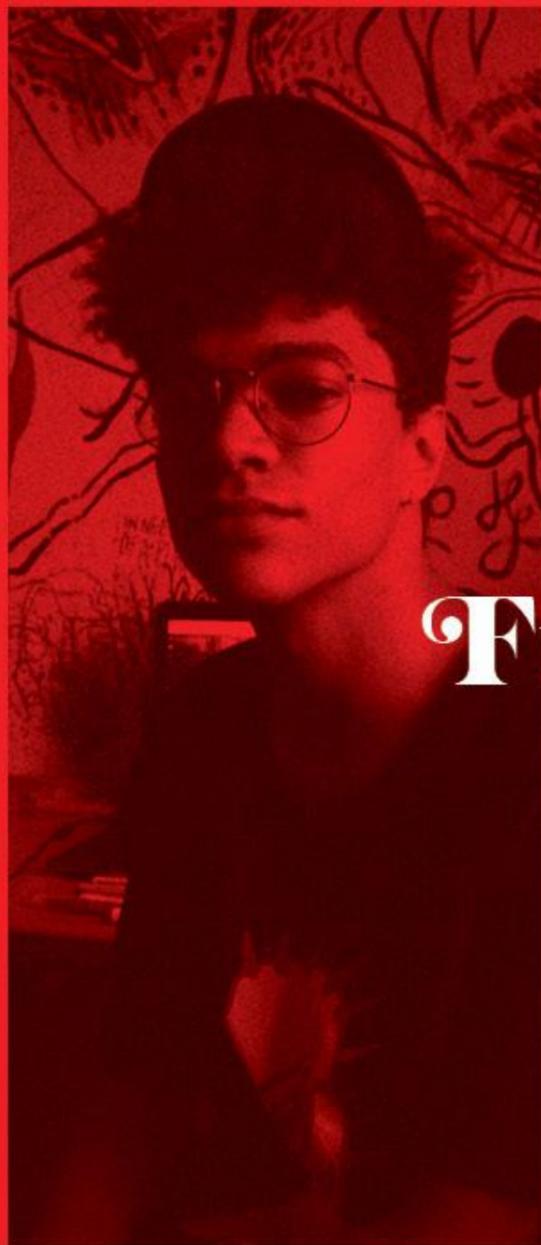
18



19







THEFURMI.GA  
INSTAGRAM.COM/THEFURMIG  
FB.COM/THEFURMIGART

# Furmiga

Furmiga é o pseudônimo do artista pernambucano Gabriel de Souza.

Gabriel possui influências que variam de artistas locais como Mario Bros, Nathê, Hamal, Biaritzzz e Sarmurr passando por nomes estrangeiros como Basquiat, Kerry James Marshall, Kara Walker e Tabita Rezaire. Seu trabalho incorpora elementos do cotidiano da cidade grande e toma como ponto de partida os pequenos pontos de caos urbano: pixações, grafites e rachaduras em paredes se fundem em ilustrações ao mesmo tempo abstratas, caóticas e sublimes.

24

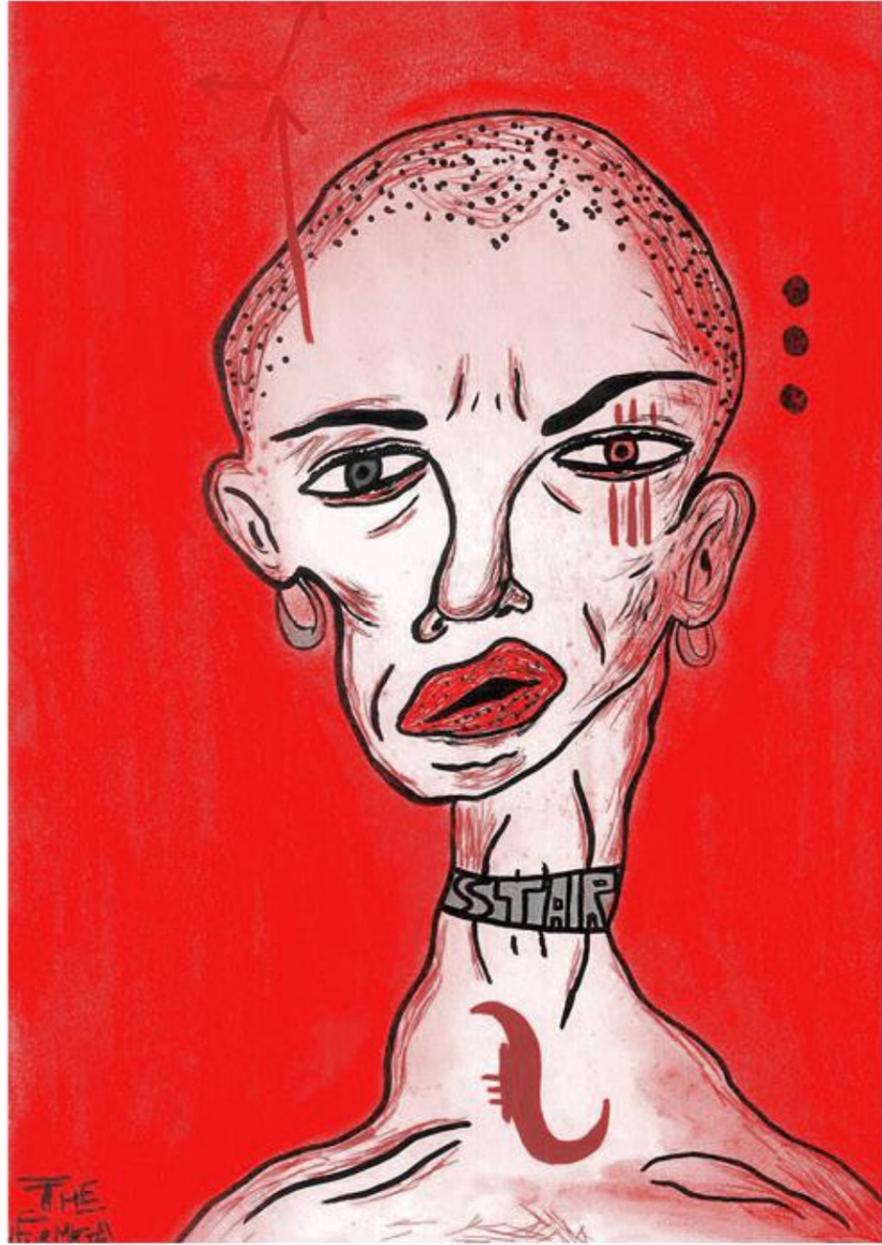
[2]



25



RESPEITEM NISSA  
H7J7738



28



29

INSTAGRAM.COM/AMICHAVY



# Guilbert Lima

Guilbert Lima faz umas fotos doidas e vai vivendo. O fotógrafo carioca divide seu trabalho autoral com coberturas de shows e eventos musicais e possui em seu diferencial o uso de cores fortes e de paisagens oníricas que compoem seu imaginário.

30

[3]

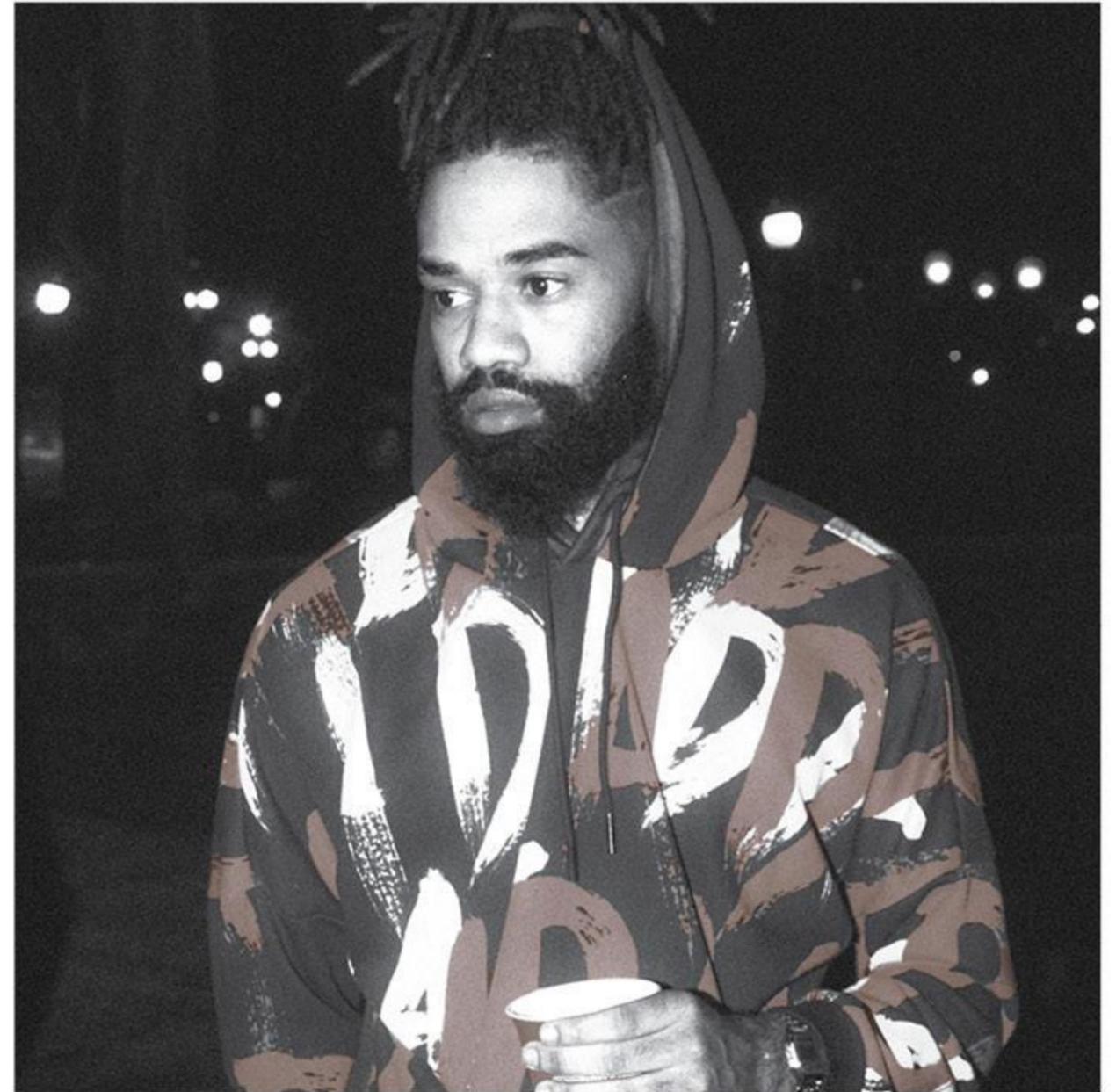


31





**34**



**35**

INSTAGRAM.COM/IWINTOLA

## Iwintolá

"Iwintolá": "Filho de Obatalá", traduzido do iorubá. Significa toda minha ancestralidade, de onde vim, para onde vou. Caminho entre diversas técnicas, caminho entre o mundo material e espiritual, transpasso através da fotografia inúmeros diálogos, troca de perspectivas, o ato de propor algo a alguém que está de fora, trazer para dentro. Mesmo propondo as pessoas tem sua própria perspectiva, sua própria vivência, seu jeito de enxergar o mundo, é isso que faz ser tão próximo, a troca. Mesmo propondo, você sempre irá enxergar de uma maneira totalmente nova e diferente, e é isso que move o meu mundo e minha arte.

36



[4]



37

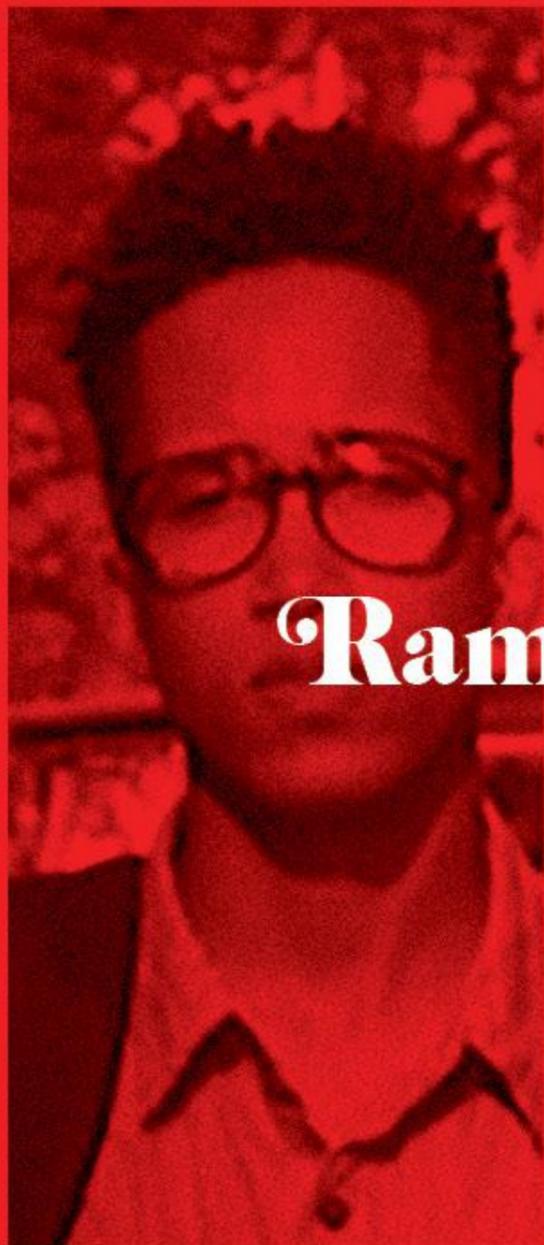




40



41



# Ramon Zonzo

CARGOCOLLECTIVE.COM/RAMONZONZO  
FB.COM/ORBITALSPACERESEARCH

Ramon Silva é um artista carioca focado em colagens. Seu trabalho consiste em experimentações temáticas com referências que passam por Hip-Hop, natureza e afrofuturismo. É responsável também pela ORBITAL, uma plataforma de experimentação cultural multidisciplinar que visa através da música expandir o pensamento humano multidimensional.

42

[5]





44



45



INSTAGRAM.COM/VITORIACRIBB  
INSTAGRAM.COM/LOUQUAI

## Vitória Cribb

O Projeto louquai é sobre sensibilidade e negritude. Tento dialogar com aqueles que não são vistos como verdadeiros nativos no cotidiano, os estranhos e "fora do normal" diante de uma sociedade racista, explorando uma de suas armas mais puras e verdadeiras, a sensibilidade. A sensibilidade e o amor entre esse povo liberta e cura a alma açoitada.

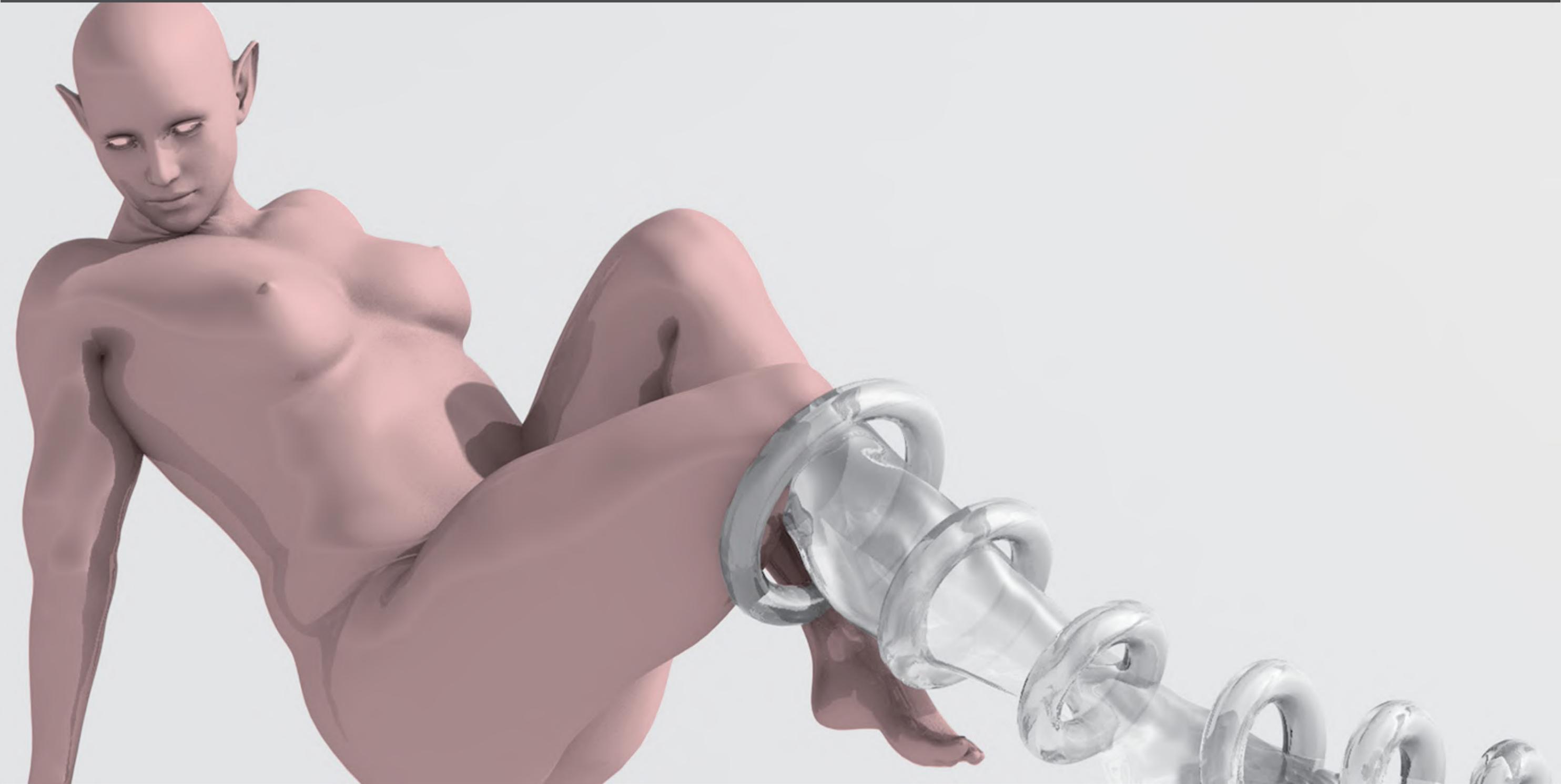


48

[6]



49





**52**



**53**

[ZEHPALITO.COM](http://ZEHPALITO.COM)  
[INSTAGRAM.COM/ZEHPALITO](https://www.instagram.com/ZEHPALITO)

## Zéh Palito



Zéh Palito compartilha sua nova mitologia visual e pensamentos sobre o futuro, comemorando a vitalidade e o dinamismo desse mundo caótico, seja poético, aqui composto de cores vivas, estruturas geométricas, abstração orgânica e variações dimensionais cheias de sonhos místicos.

54



55





58



59

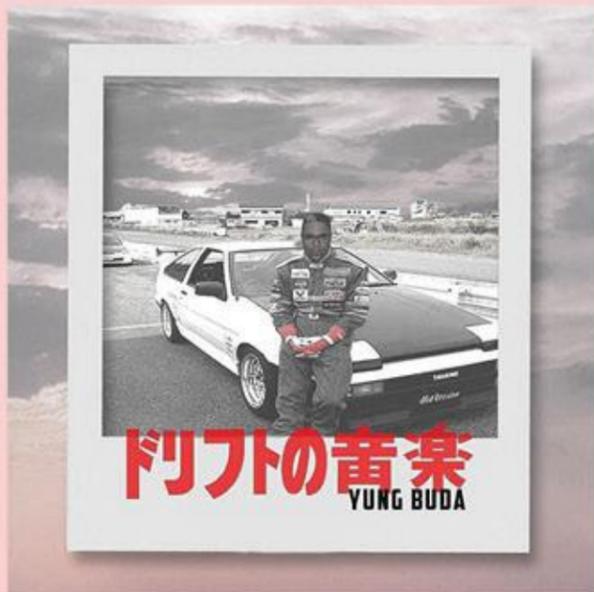
## Rodrigo Bento



**YUNG BUDA: MÚSICAS  
PARA DRIFT E O VALOR  
DO SEU TEMPO**

**N**os tempos de internet 2.0 (ou 3.0) é muito difícil encontrar algo que te faça parar e prestar atenção. Os sites, anunciantes e criadores de conteúdo sabem disso e confeccionam suas peças na medida exata para prender sua atenção pela maior quantidade de tempo possível. As novas diretrizes do YouTube valorizam tempo de retenção mais do que quantidade de visualizações justamente porque, diferente da contagem de números (que pode ser manipulada), o tempo de cada pessoa é limitado e muito mais valioso.

Assim como muitos, me vejo alternando rapidamente o tempo online entre pequenas atividades, vídeos, memes, e música. O ato de ouvir um álbum de ponta a ponta, prestando atenção nas letras e nas nuances dos instrumentais, qualidade de produção e de captação se torna um ritual complexo na medida de que focar sua atenção em uma única atividade deixa de ser um hábito. Conseqüentemente, isso me torna muito mais seletivo no que eu quero ouvir, e álbuns que não me agradam são rapidamente deixados de lado. Uma feliz exceção é a mixtape *Músicas Para Drift*, do rapper Yung Buda.



## YUNG BUDA

MÚSICAS PARA DRIFT (2017)

- 01 Riders (ft. Chábazz, Mano Will & Kado, Chabazz, Mano Will, Kado)
- 02 Motorola V3
- 03 Yoshi Drift Charmer
- 04 Akatsuki de Vila
- 05 Gamecube Nintendo (ft. Pedro de la Hoya)
- 06 Jesus Chorou Pt. II

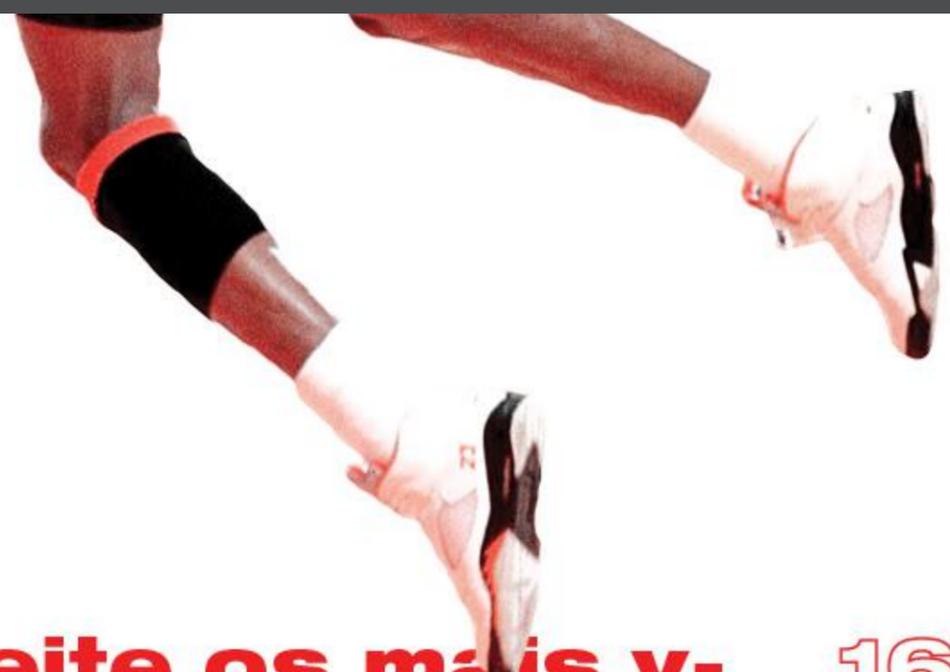
Yung Buda é membro do selo SoundFoodGang, formado em 2015 em Jundiaí-SP, e já conta com uma mixtape no currículo: Yamaarashi, de 2016, com músicas rimadas em inglês. O selo também conta com o rapper niLL, do recente e elogiado álbum Regina.

Com um vídeo promocional ilustrado por cenas do anime Initial D e fazendo referências aos jogos Need For Speed Underground 2 e Overwatch nos seus primeiros segundos, *Músicas Para Drift* consegue ser referencial sem cair em clichês: todas as referências servem ao som, e não o contrário, e tudo se encaixa naturalmente em um mar de (boa) nerdice. As crianças dos anos 90 vão entender, e mesmo quem não entender ainda pode curtir porque o som é nervoso.

A mixtape é enxuta (14 minutos) e as seis faixas que a compõem são produzidas pelo próprio Yung Buda sob a alcunha de Pantaleão, o que torna *Músicas Para Drift* uma experiência coesa e fluída do início ao fim, sem nenhum filler. Se você valoriza seu tempo, vai na minha: dá o play e pede pra nerfar.



- 11 **Olhe para os dois I-**
- 12 **Aprenda um instru-**
- 13 **Creme hidratante**
- 14 **Beba muita água**
- 15 **Parcele em até 3x**



<b>Respeite os mais v-</b>	16
<b>Não beba e dirija</b>	17
<b>Não morda o coleg-</b>	18
<b>Pratique esportes</b>	19
<b>Sorria</b>	20



# OS 50 MOMENTOS DE S O B R E V I V E N C I A V I R T U A L



68

**PRETOMAG**  
**PRETOMAG**  
**PRETOMAG**  
**PRETOMAG**  
**PRETOMAG**  
**PRETOMAG**  
**PRETOMAG**

**GATO**  
**GATO**  
**GATO**  
**GATO**  
**GATO**  
**GATO**  
**GATO**

**PRETOMAG**

**NÚMERO / UM**  
**NÚMERO / UM**

**GATO**

**NÚMERO / UM**  
**NÚMERO / UM**

Uns dias são mais pesados que outros, os panos de marca não escondem de onde vim, meu cabelo crespo chega antes de mim e já sinto o peso do fardo enquanto abro meu olho.

Logo cedo sob a estreita lança de luz que vem da janela eu peço pra que hoje eu não enlouqueça nem viva uma prévia do inferno.

Sou a esperança da minha casa. Nenhuma outra mulher daqui pisou na faculdade, todas largaram a vaidade pra construir uma família, como manda a sociedade.

4 reais a passagem, mano!  
Tem dias que uso a grana do pão pra tentar chegar do outro lado da cidade.

A maldita Supervia mata todo dia o sonho do pobre. É um abatedouro de gado, lata de sardinha pra trancar preto e favelado.

Carteira assinada é carcere, entregue tua vida pra que te paguem e no fim do mês não sobra 1 real pra guardar.

Não permita, Deus, que eu morra, ou que eu morra de vez mas sem agonizar, ainda me pergunto se o esforço é em vão ou o retorno ainda há de chegar.

Baixada é terra de mãe crente e pai ausente, aqui realidade diferente é uma sorte encontrar. Uma igreja a cada esquina, é ali que buscam refúgio por que de nada adianta estudar.

Deus misericordioso, que dá carro mas não dá transporte público de qualidade. Mal chega saneamento básico nessa porra de cidade.

Cidade dormitório onde existem muitas outras de mim: pretas!

Sem filho aos 21? Algumas, mas no vagão em direção a zona sul a pele escura só limpa chão e busca outra direção até a Pavuna.



Segundo a Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals (RSPCA), 70% dos gatos abandonados em seu abrigo em 2014 eram pretos, e um dos possíveis motivos é que as pessoas consideram os gatos pretos “menos fotogênicos”<sup>1</sup>

Gatos pretos são menos propensos a serem adotados em abrigos, de acordo com a pesquisa da American Society for the Prevention of Cruelty to Animals (ASPCA)<sup>2</sup>

Dia 17 de agosto foi nominado o Dia de Apreciação ao Gato Preto (Black Cat Appreciation Day)<sup>3</sup>

A cada 13 minutos (mais precisamente, a cada 12,84 minutos), um GATO PRETO OU PARDO É assassinado no Brasil<sup>4</sup>

<sup>1</sup> <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2709721/Hundreds-black-cats-abandoned-owners-dont-look-good-SELFIES.html>

<sup>2</sup> <http://animalfoundation.com/black-cats-the-good-the-bad-and-the-misunderstood/>

<sup>3</sup> <https://www.aspca.org/news/its-black-cat-appreciation-day>

<sup>4</sup> <https://aosfatos.org/noticias/uma-pessoa-preta-ou-parda-e-assassinada-no-brasil-cada-13-minutos/>

**é de sobreviver.**



<b>G</b>	<b>RESTRITO</b> 
	MENORES DE 67 ANOS ACOMPANHADOS DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS
<b>BELEZA, IMAGENS FORTES, LINGUAGEM AFROFUTURISMO E CONSELHOS</b>	

## Conclusão

A jornada entre a concepção e a publicação da revista foi longa, mas ao final do projeto acredito que o conhecimento pessoal e profissional adquirido a fizeram valer a pena.

A ideia de uma revista concebida, diagramada e editada por mim era algo inimaginável em meus primeiros anos na universidade. Até então, o design editorial sempre foi como um “bicho de sete cabeças” e uma área que considerava demasiadamente complexa e restritiva. Poder experimentar métodos alternativos de impressão e conhecer mais sobre fanzines e revistas alternativas mudaram minha forma de pensar o design editorial, que passou então a ser uma alternativa poderosa e visualmente interessante de me expressar como designer.

O tema escolhido reflete diretamente minha relação com o mundo, e, por se tratar de uma questão tão importante, sempre houve a necessidade de tratar o assunto da maneira como ele merece ser tratado: com cuidado, respeito e seriedade, ainda que se trate de uma publicação com teor irreverente. A iniciativa de trazer outros artistas para o projeto me fez entrar em contato com muitos talentos que talvez não conheceria por outros meios.

Por fim, a experiência de lidar com um projeto envolvendo pessoas, de relevância social e em uma mídia até então pouco explorada por mim foi um grande aprendizado cujo valor é inestimável. Como dito anteriormente, a Revista Gato Preto é um projeto nosso e para nós. E que venham novas edições!

## Bibliografia

ALBERNAZ, Bia; PELTIERL, Maurício (1995). **Almanaque De Fanzines: O Que São, Por Que São, Como São**. Arte de Ler.

DOUGLAS, Emory (2007). **Black Panther: The Revolutionary Art of Emory Douglas**. Rizzoli.

DOUGLAS, Emory. “**“Todo Poder ao Povo!”: A Arte Gráfica de Um Pantera Negra**”. FONTES, Mylena. Revista ZUPI, 52 ed. Maio, 2017. São Paulo, Brasil. Dinap, 2017.37-47.

GUIMARÃES, Edgar (2004). **Fanzine**. Marca da Fantasia.

JENNINGS, Billy X. (2015). **Remembering the Black Panther Party newspaper, April 25, 1967- September 1980**. Disponível em: <<http://sfbayview.com/2015/05/remembering-the-black-panther-party-newspaper-april-25-1967-september-1980/>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

MAGALHÃES, Henrique (1993). **O Que É Fanzine**, Coleção Primeiros Passos. Brasiliense.

NARANJO, Marcelo (2007). **Historieta: muito mais que um fanzine**. Disponível em: <<http://www.universohq.com/materias/historieta-muito-mais-que-um-fanzineb/>>. Acesso em 13 de maio de 2018.

SEALE, Bobby (1970). **Seize The Time: The Story of The Black Panther Party and Huey P. Newton**. Random House.

SHAMES, Stephen (2016). **Power to the People: The World of the Black Panthers**. Abrams.



